

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

**Freud e o envelhecimento:
a importância da compreensão psicodinâmica do idoso**

José Ribamar Fernandes Saraiva Junior

Passo Fundo

2017

José Ribamar Fernandes Saraiva Junior

Freud e o envelhecimento:
a importância da compreensão psicodinâmica do idoso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador:

Prof. Dr. Astor Antônio Diehl

Coorientadora:

Prof^a Dr^a. Lia Mara Wibelinger

Passo Fundo

2017

CIP – Catalogação na Publicação

S243f Saraiva Junior, José Ribamar Fernandes
Freud e o envelhecimento: a importância da compreensão psicodinâmica do idoso. /
José Ribamar Fernandes Saraiva Junior. – 2017.
82f.; 30cm

Orientador: Prof. Dr. Astor Antônio Diehl
Coorientadora: Profa. Dra. Lia Mara Wibelinger

Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo
Fundo, 2017.

1. Psicanálise. 2. Idosos. 3. Teoria psicanalítica. 4. Envelhecimento – Aspectos
psicológicos. **I.** Diehl, Astor Antônio, orientador. **II.** Wibelinger, Lia Mara,
coorientadora. **III.** Título.

CDU: 613.98

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação:

“Freud e o envelhecimento: a importância da compreensão psicodinâmica do idoso”

Elaborada por

JOSÉ RIBAMAR FERNANDES SARAIVA JUNIOR

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
“Mestre em Envelhecimento Humano”

Aprovado em: 24/02/2017
Pela Banca Examinadora



Prof. Dr. Astor Antônio Diem
Orientador e Presidente da Banca Examinadora - UPF/PPGEH



Profa. Dra. Lia Mara Wibelinger
Coorientadora - Universidade de Passo Fundo - UPF/PPGEH



Prof. Dr. Nadir Antônio Pichler
Universidade de Passo Fundo - UPF/PPGEH



Prof. Dr. Iltonar Siviero
Instituto Superior de Filosofia Berthier - IFIBE

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, à minha esposa Aline Saraiva, companheira de todas as horas e incansável incentivadora, aos meus filhos Sofia Saraiva, Luisa Saraiva e Vicente José Saraiva, de onde vem a força para continuar sempre.

AGRADECIMENTOS

Ao poder superior, na certeza de sua existência.

A minha esposa Aline Saraiva, a grande rocha. Sem ela não conseguiria nossas conquistas.

Aos meus pais José Saraiva e Maria Amélia Saraiva por continuarem vivendo em mim suas conquistas e pelo incentivo constante.

À minha Irmã Amanda Saraiva por sua existência e juventude.

Ao professor Astor Antônio Diehl por aceitar a árdua tarefa da orientação.

À professora Lia Mara Wibelinger por acreditar até o último minuto, pelo incentivo e pelo papel de mestre e na identificação.

À secretária do Mestrado em Envelhecimento Humano, Rita De Marco, pela parceria, pelo incentivo, pelo acolhimento e acima de tudo, por sua capacidade empática e humana.

Aos colegas por compartilharem seus conhecimentos, em especial ao colega Daniel Varela e à colega Claudia Lampert pelo incentivo e amizade.

Aos alunos pela dedicação e compreensão, em especial aos alunos colegas e parceiros André Real e Grasiela Marcon por vivenciarem esta conquista.

À todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

EPIGRAFE

“Uma universidade é um lugar onde o saber é ensinado acima de todas as diferenças de religiões e nações, onde a investigação é conduzida, e que se destina a mostrar à humanidade a que amplitude ela pode compreender o mundo a seu redor, e até onde pode controlá-lo.”

(Sigmund Freud)

RESUMO

SARAIVA-JUNIOR, José Ribamar Fernandes. Freud e o envelhecimento: a importância da compreensão psicodinâmica do idoso. 2017. 82f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.

Segundo Freud, cada um envelhece de seu próprio modo. Considerar a singularidade de cada velhice é fundamental para se conceber que o idoso aproveitará o seu futuro de forma única para, a partir do inconsciente, tratar o real. Para tanto, esse trabalho procura descrever, a partir da revisão das obras publicadas de Freud, a relação entre a psicanálise e o envelhecimento. Busca identificar o que a teoria freudiana tem a contribuir sobre o universo do idoso, para uma melhor compreensão do envelhecimento humano. Identificar quais pontos da visão de Freud pode-se utilizar como referencial para o entendimento do idoso e manutenção da saúde do paciente geriátrico. Esse texto tem a pretensão de ampliar o tema sobre os escritos de Freud sobre envelhecimento e sobre a psicanálise do envelhecimento, contribuindo para o entendimento do idoso no mundo contemporâneo e sua correlação com a psicanálise atual. O método utilizado para a produção dessa obra, foi a revisão completa da edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud publicada em 1996. Ao analisar a obra completa de Freud percebe-se, ao longo de seus estudos sobre a mente humana, uma gradativa mudança em suas concepções sobre a velhice, o envelhecer e o idoso. Essa importante obra da psicanálise trouxe contribuições sobre o desenvolvimento humano e suas relações familiares, tão importantes para um envelhecimento saudável.

Palavras-chave: 1. Envelhecimento Humano 2. Teoria Freudiana. 3. Idoso. 4. Teoria Psicanalítica. 5. Psicanálise

ABSTRACT

SARAIVA-JUNIOR, José Ribamar Fernandes. Freud and aging: the importance of psychodynamic understanding of elderly. 2017. 82f. Dissertation (Masters in Human Aging) – University of Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.

According to Freud, each one grows old in his own way. Considering the uniqueness of each old age is fundamental to conceive that elderly will use their future in a unique way to treat real from unconscious. For this, present work tries to describe, from revision of published works of Freud, the relation between psychoanalysis and aging. It seeks to identify what Freudian theory can contribute to the universe of the elderly, for a better understanding of human aging. Identify which points of Freud's vision can be used as a reference for understanding elderly and maintaining health of geriatric patient. This article intends to enlarge the theme about Freud's writings on aging and about psychoanalysis of aging, contributing to understanding of elderly in contemporary world and their correlation with current psychoanalysis. The method used to produce this work was the complete revision of Brazilian standard edition of the complete works of Sigmund Freud published in 1996. In analyzing Freud's complete work, it can be perceived, throughout his studies on the human mind, a gradual change in his conceptions of old age, aging, and elderly. This important work of psychoanalysis has brought contributions to human development and family relationships, so important for healthy aging.

Key words: 1. Human Aging. 2. Freudian Theory. 3. Aged. 4. Psychoanalytic Theory. 5. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1	A introdução do envelhecimento nos escritos de Freud.....	16
2.2	Morte e Finitude.....	26
2.3	A sociedade, as relações fraternais e a compulsão à repetição.....	28
2.4	Estudo sobre histeria.....	32
2.5	Tratamento Psicanalítico.....	36
2.6	Sobre Sonhos, Mitos e Contos de Fada.....	43
2.6.1	De Medo.....	48
2.6.2	O anel da fidelidade.....	49
2.7	Sobre a psicopatologia da vida cotidiana.....	54
2.8	Desenvolvimento humano.....	64
2.8.1	Totem e Tabu e outros trabalhos (1913 – 1914).....	64
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
	REFERÊNCIAS.....	77

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O idoso, na sociedade atual, apresenta um estilo de vida que o conduz para a apatia, insatisfação e sentimentos de solidão. O isolamento social e emocional, o pouco contato com os vizinhos, as relações interpessoais limitadas ou até ausentes, a desvalorização do cuidado e da pessoa, contribuem para que a experiência e inteligência do idoso seja desconsiderada. O próprio Freud, quando fala sobre a psicoterapia, relata não indicá-la para pessoas com mais de cinquenta anos devido a pouca elasticidade mental. (ALTMAN, 2011, p. 195).

Portanto, é necessário compreender o envelhecimento para se formular estratégias eficazes para a abordagem dos idosos. As modificações biológicas e psicossociais associadas ao envelhecimento que influenciam no bem-estar global dos pacientes geriátricos, o curso e desfecho das doenças que acometem esta população, e a forma como enxergam sua condição, exercem influência direta em diversos aspectos do tratamento e da adesão ao tratamento.

A baixa adesão aos programas de atenção aos idosos constitui um dos desafios da saúde pública brasileira, mesmo o idoso tendo oportunidade de participar dos diversos programas e projetos voltados à promoção de saúde na esfera pública. (FREITAS, et al. 2007, p. 93).

A psicanálise, a partir de Freud, pode explicar o porquê da baixa adesão aos programas de saúde pública para os idosos? O que a teoria freudiana apresenta sobre o envelhecimento humano?

Neste sentido, Barros et al., (2011, p. 3756), relata que estudos sobre prevalência de doenças crônicas mostram que existe uma tendência de os segmentos economicamente

menos favorecidos a apresentarem mais este extrato de patologia, sendo que, com o passar da idade, estas tendências tendem a declinar.

Portanto, deve-se procurar intervenções baseadas em evidências sobre uma complexidade de fatores, inclusive o envelhecimento, (ALMEIDA; ALMEIDA BRITO, 2014 p. 527), restando poucas dúvidas de que o conhecimento do comportamento humano é fundamental para saúde populacional. (ALMEIDA et al., 2013, p. 7).

Isto mostra uma tendência mundial a aumentar a qualidade de acesso à saúde por parte da população geral. O envelhecimento humano global está fazendo com que países se adéquem e implementem políticas de saúde que aumentem a qualidade de vida e ofereçam estratégias mais qualitativas de saúde em oposição às estratégias quantitativas de acesso hoje preconizadas. (NAKATANI, 2016, p. 177).

No momento atual, a psicogerontologia busca discutir os processos psicológicos que envolvem a influência dos eventos de vida e os mecanismos de enfrentamento desses eventos na adaptação e bem estar dos indivíduos na velhice, (YASSUDA et al., 2006, 471 - 472), pois como disse Freud: cada um envelhece de seu próprio modo. Essa diversidade faz emergir ambivalências. (MUCIDA, 2014, p.13 - 23).

O que motiva a realização da pesquisa tem haver com a própria construção da trajetória do pesquisador e a possibilidade de, caso haja um desfecho positivo, a pesquisa possa tornar-se uma ferramenta de saúde pública de amplo uso pelos profissionais na busca de melhoria da compreensão psíquica do idoso.

A relevância social fica evidente a partir da perspectiva de ser replicada em vários contextos e de poder levar a compreensão do envelhecimento a partir da obra de Freud para outros profissionais da saúde, transcendendo a área psi. Sua relevância científica fica evidente, pois trata de temas de alta prevalência na população idosa, como a compreensão psíquica do envelhecimento.

O objetivo geral deste trabalho é realizar uma revisão completa da edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud publicada pela editora Imago em 1996, para descrever a relação entre toeria Freudiana e envelhecimento. Tem como objetivos específicos: identificar como a teoria freudiana tem a contribuir para a melhor compreensão do universo do idoso e identificar quais pontos da visão de Freud poderiam ser utilizados como referencial para o tratamento e manutenção da saúde do paciente geriátrico.

As doenças crônicas não transmissíveis são responsáveis por aproximadamente 72% das causas de óbito no Brasil e em consequência vários programas e políticas de governo foram criadas. É verídico que as doenças crônicas preveníveis crescem globalmente e que nas últimas quatro décadas há um elevado interesse em pesquisar intervenções que modifiquem o curso das doenças preveníveis e tentem ajudar a diminuir o impacto socioeconômico negativo que essas doenças trazem, porém existe pouca evidência de que este conhecimento produzido esteja conseguindo ser traduzido para alcançar os níveis da coletividade. (ALMEIDA; BRITO; ESTABROOKS, 2013, p. 7; ALMEIDA; ALMEIDA BRITO, 2014, p. 527; NAKATANI, 2016, p. 171 - 178).

Em termos do coletivo, no Brasil, a Atenção Primária em Saúde (APS) constitui-se na porta de entrada do sistema de saúde com suas peculiaridades, responsabilizado em organizar as linhas de cuidado no âmbito individual, familiar e coletivo. Sendo assim, a APS deve se concentrar em intervenções baseadas em evidências sobre uma complexidade de fatores, inclusive o envelhecimento, (ANDRADE, 2010, p. 129 - 131), que influenciam diretamente nos comportamentos individuais de saúde, culturais e sociais, restando poucas dúvidas de que o conhecimento do comportamento humano é fundamental para saúde populacional. (ALMEIDA et al., 2013, p. 7 - 8; MORAES, 2012, p. 23 - 44). Buscar o entendimento psicanalítico do idoso seria uma ferramenta amplamente utilizável neste nível de atenção.

Considerar a singularidade de cada velhice é fundamental para se conceber que o idoso aproveitará o seu futuro de forma única para, a partir do inconsciente, tratar o real.

Alguns idosos com o passar dos anos se sentiram melhor consigo mesmos, reinventando de forma criativa os efeitos da passagem do tempo, como já dizia Freud: cada um envelhece de seu próprio modo. (MUCIDA, 2014, p. 13 - 23).

Mesmo que se tenha que considerar as diversidades evidenciando que a velhice não tem um conceito unívoco, alguns aspectos são comuns: modificações no corpo, na imagem e nos laços sociais.

Estes aspectos podem influenciar diretamente na produção de sintomas, como se adoecer tornar-se-ia uma punição sobre o que se desconhece. Essa cobrança faz emergir questões como a necessidade de se fazer o que quiser versus a construção da aposentadoria para viver uma vida tranquila. (MUCIDA, 2014, p. 13 - 23).

A teoria psicanalítica de Freud deixou alguma compreensão psicodinâmica sobre o envelhecimento humano e esta compreensão da psicodinâmica do envelhecimento pode contribuir para evidenciar os desafios dessa clínica e o entendimento do modo como o sujeito se insere no contexto social, como se apropria do seu corpo e da sua identidade, para, assim, formular meios de melhorar a qualidade de vida da população idosa.

Esta revisão completa da obra de Freud sobre envelhecimento humano é feita em ordem cronológica na tentativa de se retirar todo e qualquer escrito do autor sobre este tema, porém esta escolha pode apresentar deficiências, pois seus escritos não se encaixam nem em cronologia nem em categorias de assuntos.

O presente estudo se preocupou em minimizar os principais vieses de uma pesquisa de revisão de literatura, como: viés de publicação, de tempo, de publicação múltipla, de localização, de linguagem, de citação e de desfecho. Garantirá a disponibilidade de todas as ferramentas produzidas e análise da literatura.

Na tentativa de organizar os achados desta revisão, apresentamos a seguinte disposição dos capítulos: no capítulo um, Freud no seu contexto histórico, apresenta um

resgate da época e mostra a influência do Iluminismo e do cientificismo no rigor e neutralidade com que Freud escreve sua obra, assim como a influência da cultura da época.

No capítulo dois, intitulado morte e finitude, deprecamos o medo de morrer e sua relação com o desenvolvimento humano e o envelhecimento.

No capítulo três, a sociedade, as relações fraternas e a compulsão à repetição, encontramos a importância dos tensionamentos nas relações familiares tanto para o desenvolvimento das neuroses, como para o desenvolvimento de um envelhecimento saudável.

Estudos sobre histeria, este é o título do quarto capítulo. Aqui narramos a importância da observação dos pacientes com histeria e o desenvolvimento dos conceitos e da obra de Freud.

O quinto capítulo, tratamento psicanalítico, fala sobre a formulação da técnica psicanalítica clínica e o que o Freud recomendava sobre sua utilização com os mais velhos.

No capítulo seis, sobre sonhos, mitos e contos de fada, fazemos uma referência ao lúdico e sua importância na simbolização dos medos e empoderamentos da velhice.

O capítulo sete dessa dissertação, sobre a psicopatologia da vida cotidiana, mostramos o quanto os conceitos psicanalíticos estão presentes no dia a dia do ser humano e quão seria importante esta compreensão para o entendimento do idoso.

E no capítulo oito, desenvolvimento humano, apresentamos os achados de Freud sobre este tema, que continua muito atual, pois envelhecemos desde que nascemos. Aqui podemos observar a maturidade e a profundidade com que sua obra se desenvolveu.

Por fim, nas considerações finais colocamos à disposição os objetivos alcançados assim como as dificuldades e sugestões para a ciência.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 *A introdução do envelhecimento nos escritos de Freud*

A vida de Freud foi toda ela uma luta incessante pela verdade. Lutou diante do dogmatismo e das pressões externas para sustentar suas teorias. Exposto, pela sua coragem de afirmar, perante as escolas psiquiátricas dominantes, preferiu suportar por muito tempo a dureza de um isolamento intelectual a ceder naquilo que era o honesto resultado de sua investigação.

Desde o começo de sua carreira profissional, o amor à certeza científica, influenciado pela sua neutralidade científica e pelo Iluminismo, fez com que prejudicasse o início de sua clínica pois vinha marcado pelo desejo em pesquisar em seus doentes o exato determinismo dos sintomas.

Por aproximadamente quarenta anos se dedicou diariamente na realização de até onze análises de uma hora cada, podendo-se, portanto, dizer que passou toda uma existência debruçado sobre a alma dos neuróticos. Seu rigor científico fazia com que adiasse por vários anos a publicação de seus trabalhos, para que pudesse confirmar seus achados. “A Interpretação de Sonhos”, diz ele, e “Fragmento de uma Análise de um Caso de Histeria (o caso de Dora)” foram retidos por mim - se não pelos nove anos aconselhados por Horácio - em todo caso por quatro ou cinco anos antes que me decidisse a publicá-los.” (ALTMAN, 2011, p. 195; MUCIDA, 2014, p. 7 - 10).

Compreende-se, portanto, que quem adquiriu uma visão nova dos fatos à custa de tão penosos sacrifícios, se tenha recusado a mudar de ideia ante a pressão de uma crítica partidária, que não se baseia na verificação objetiva. Essa justificada intransigência de Freud foi, não obstante, tachada de dogmatismo, o que não impede, porém, que novos

dados da observação direta e imparcial confirmem e completem cada vez mais as suas conclusões. (ALTMAN, 2011, p. 195).

“Os homens são fortes enquanto representam uma ideia forte” (FREUD, 1996 [1908], p. 55 - 56)¹. Em sua aureolada velhice, Freud assiste presentemente ao triunfo gradual e seguro de seus princípios, cujo enunciado já não constitui uma blasfêmia. Eles conquistam paulatinamente o lugar que lhes cabe na ciência dos fenômenos espirituais e se vão tornando aceitos pelos mais legítimos representantes da psiquiatria moderna. Existe, na verdade, quem insista em rejeitar as consequências teóricas da psicanálise sem lhe conhecer sequer os métodos. Mas aos poucos irão chegando os últimos retardatários. “Quem sabe esperar não necessita fazer concessões.” (FREUD, 1996 [1908], p. 55 - 56).

No mundo das ciências é difícil consolidar os conceitos básicos e, nas ciências humanas, mais complexo ainda. Freud teve a paciência e neutralidade para formular a base da psicanálise, aceitando críticas e tentando modificá-la com o passar dos anos, mesmo deixando claro o quão era difícil aceitar as mudanças, principalmente com o passar da idade.

Na leitura de sua obra consegui visualizar o quanto de melancolia e solidão o acompanharam durante seus escritos. O que será que tanto o motivou para suportar todos

¹ Sempre que for citado Freud o primeiro ano refere-se ao ano de publicação da editora Imago, de edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, e o segundo ano, refere-se ao ano de publicação original.

estes anos? Talvez a busca da imortalidade de um eterno insatisfeito, que utilizou dessa condição para qualificar sua pulsão na eterna díade prazer e desprazer.

Apesar de ser algo muito novo, a longevidade, muito já se falou sobre o tema sob um olhar psicanalítico do envelhecimento e é interessante observar o quanto a visão se modificou ao longo deste curto período. No início de sua obra, Freud (1996 [1905]) afirmou que a análise não seria recomendada para pessoas com mais de cinquenta anos de idade, devido sua pouca plasticidade mental, deixando heranças pessimistas sobre o envelhecimento e sobre a análise em idosos. (ALTMAN, 2011, p.195; MUCIDA, 2014, p. 7 - 10).

Ainda, é importante compreender que a psicanálise abre um novo olhar sobre o ser humano e que a articulação entre psicanálise e envelhecimento é riquíssima, pois o fenômeno é complexo. Se, por um lado, existe uma sociedade que contribui para o isolamento do idoso, por outro, existe o idoso com toda sua complexidade psíquica e sua inteligência de vida que transforma sua personalidade ao longo do tempo e se arrisca a se identificar com suas representações envelhecidas e estereotipadas. (ALTMAN, 2011, p. 194). Como diria Freud: há algo que não se modifica com a passagem do tempo, malgrado a velhice. (1976 apud MUCIDA, 2014, p.13).

Sendo a velhice algo incontestado, como se daria esse processo de envelhecimento e a partir de quando se seria velho? Seria impossível definir a velhice sem se considerar o sujeito, pois não existe “velhice em si”, nem “a velhice”, mas sim velhices. (ALTMAN, 2011, p.194; MUCIDA, 2014, p.7). Seria possível existir um ser que não envelhece?

Freud estudara medicina e se constituiu enquanto médico clínico, neurologista, sob a influência do Iluminismo dos séculos XVIII e XIX. Recebeu influências de pensadores como Kant, Goeth, Fausto, Sófocles através de Darwin, Nietzsche, Diderot e outros.

Portanto, sua obra surge sob forte influência da rigidez científica iluminista, que talvez sem esta ele não conseguisse a neutralidade mínima necessária para sua produção e, por outro, como todo instituinte, com forte rejeição de todas as disciplinas acadêmicas, julgada como uma tentativa de restauração do banquete socrático.

Não se constituía como disciplina nem na psicologia nem na medicina, que iniciava suas tentativas de confecções de protocolos e estudos baseados em evidências científicas, ficando difícil aceitar algo que propunha a cura através das palavras e a medicina da alma. (ROUDINESCO, 2016).

Sobre a sua forte influência do Iluminismo:

S. Hammerschlag, que há cerca de trinta anos encerrou suas atividades como professor da religião judaica, era uma dessas personalidades que possuem o dom de marcar indelevelmente o desenvolvimento de seus alunos. Possuía uma centelha da mesma chama que iluminou os espíritos dos grandes videntes e profetas judeus, centelha essa que só se extinguiu quando a idade avançada debilitou suas forças. O lado passional de sua natureza, porém, era moderado pelo ideal humanista do nosso período clássico alemão que o guiava, e seu método pedagógico estava baseado nos fundamentos dos estudos clássicos e filológicos a que devotara sua juventude. (FREUD, IX, p. 135)².

Sua obra de cunho psicanalista inicia com um relatório de 1886 em que relata o seu desvio dos interesses científicos da neurologia para a psicologia, relatório este que deveria ser entregue ao retornar para a Universidade de Viena, após receber em 1885 uma bolsa de estudos para ficar por seis meses no Salpêtrière. Quando chegou a Paris, seu

² Nas citações diretas o volume indicado corresponde à publicação da editora Imago, constando nas referências bibliográficas, o ano de publicação original e o ano da publicação da editora.

“tema de eleição” era a anatomia do sistema nervoso; porém ao partir, sua mente já estava povoada com temas sobre histeria e hipnotismo. (FREUD, 1996 [1886], p. 10).

Neste relatório, intitulado *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim* fica claro que em dezembro de 1885 inicia a mudança do seu tema de eleição, quando terminou seu trabalho no laboratório de patologia do Salpêtrière. (FREUD, 1996 [1886], p. 92).

Foi neste texto que Freud fez seus primeiros comentários sobre alguém de mais idade, o professor de neuropatologia do Salpêtrière:

O homem que chefia toda essa organização e seus serviços auxiliares tem, atualmente, a idade de sessenta anos. Possui a vivacidade, a jovialidade e a perfeição formal no falar que costumamos atribuir ao caráter da nacionalidade francesa; ao mesmo tempo, mostra a paciência e o amor pelo trabalho que geralmente atribuímos aos de nossa nação. A atração exercida por semelhante personalidade logo me levou a limitar minhas visitas a um único hospital e a buscar os ensinamentos de um único homem. Abandonei minhas eventuais tentativas de assistir a outras conferências, depois de haver-me convencido de que tudo o que elas tinham a me oferecer eram, na sua maior parte, peças de retórica bem construídas. As únicas exceções eram as autópsias e conferências forenses do Professor Brouardel no Necrotério, que eu raramente perdia. (FREUD, I, p. 12).

Fez forte menção a Charcot, o grande homem, neste relato, e o quanto suas aulas e seus ambulatórios eram de rica importância clínica. Esta influência é reconhecida por Freud quando este escreveu um texto em virtude de sua morte. Porém, surgem as primeiras observações sobre pacientes que a clínica tradicional não era capaz de solucionar: Às vezes, era desanimador quando o grande homem deixava algum desses casos, para usar sua própria expressão, afundar no caos de uma nosografia ainda desconhecida. (FREUD, I, p. 13).

Após sua temporada na França, Charcot relatou que o trabalho da anatomia estava encerrado e que a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso estaria completada, sendo as neuroses, o que precisava ser abordado a seguir. Não há dúvidas de que essa

ideia influenciou diretamente no rumo tomado por Freud para suas próprias atividades a partir de então. (FREUD, 1996 [1886], p. 10).

Freud era médico e neurologista, vivia modestamente na Áustria, quando ao ganhar uma bolsa de estudos foi para França aprofundar seus estudos em neurologia. Porém houve uma mudança radical nos seus estudos quando, ao estudar pacientes com sintomas neurológicos sem achados orgânicos, vira estes pacientes melhorarem através da fala. Chegou a admitir que descobrira uma nova ciência: a psicanálise.

Desde o princípio das atividades do departamento de ambulatório e da clínica, ele teve oportunidade de estudar homens e mulheres, sendo por muitos anos, seu trabalho centralizado nas neuroses, principalmente na histeria. (FREUD, 1996 [1886], p. 12).

Sua persistência e seu espírito de pesquisador o levaram a permanecer por mais um ano na França, ao se oferecer para traduzir as conferências de Charcot.

Ainda em 1886, Freud teve a oportunidade de permanecer em Paris além do período de sua bolsa, pois se ofereceu para fazer a tradução Alemã das conferências de Charcot, o que lhe rendeu a possibilidade de entrar em contato mais de perto com a temática da histeria. (FREUD, 1996 [1886], p. 16).

Ao retornar para Viena, Freud enfrenta extrema dificuldade de encontrar e ter acesso ao tema, encontrando limitações para estudar e publicar casos sobre histeria, principalmente por parte dos médicos mais antigos que limitavam o acesso ao material de que dispunham. (FREUD, 1996 [1886], p. 20).

Nesta época ainda não imaginara que arrebataria tantos discípulos e colaboradores, nem tão pouco que seus primeiros escritos se tornariam uma nova ciência que influenciaria a antropologia, sociologia, cultura, religião, política e a própria história da medicina.

Ao final de 1886 Freud consegue publicar um caso de histeria, sobre um paciente do sexo masculino, com a ajuda de um laringologista e de um oftalmologista, aproximando-se timidamente da psicologia, mas ainda tendo como foco principal os sintomas físicos da histeria, aos moldes de Charcot. (FREUD, 1996 [1886], p. 20).

Acreditava que a libido seria uma forma de buscar o prazer, como se fosse uma energia que pode ser transformada em pulsão para evitar o desprazer. Que inicialmente a criança busca o prazer consigo mesma até evoluir para o prazer sexual. Poderia se imaginar que na velhice não havendo esta prática a libido acabaria e com ela a vida?

Com a evolução dos estudos sobre histeria, Freud se aproxima das questões psicológicas com uma forte tendência em aceitar a influência psíquica nos fenômenos físicos, ao admitir que:

[...] As condições funcionalmente relacionadas à vida sexual desempenham importante papel na etiologia da histeria (assim como na de todas as neuroses), e isto se dá em virtude da elevada significação psíquica dessa função, especialmente no sexo feminino. - O trauma é uma causa incidental frequente da doença histérica, em dois sentidos: primeiro, porque a disposição histérica, anteriormente não detectada, pode manifestar-se por ocasião de um trauma físico intenso, que se acompanha de medo e perda momentânea da consciência; em segundo lugar, porque a parte do corpo afetada pelo trauma se torna sede de uma histeria local. (FREUD, I, p. 36).

Talvez pela primeira vez, faz uma correlação entre envelhecimento, isolamento e doença mental, quando menciona em seus estudos posteriores que os primeiros anos de um casamento feliz interrompem a doença, fazendo a seguinte referência sobre o passar dos anos:

Quando as relações conjugais se tornam mais frias e os nascimentos sucessivos acarretam um esvaziamento, reaparece a neurose. Nas mulheres com mais de quarenta anos, a doença geralmente não apresenta fenômenos novos; mas os antigos sintomas podem persistir, e até mesmo numa idade avançada a doença pode intensificar-se diante de provocações fortes. (FREUD, I, p. 37).

Nos estudos da histeria Freud fala sobre o envelhecimento, impotência sexual e as doenças do sistema nervoso. Questões sobre as neuroses e suas correlações com as disfunções sexuais, são elaboradas em teses sobre a impotência das funções sexuais, anormalidades sexuais, sobrecarga de trabalho, traumas. (FREUD, 1996 [1886], p. 104).

Fazendo referência à masturbação como fator de risco para a neurastenia no envelhecimento, exercendo impacto sobre o sistema nervoso de mulheres casadas, levando à neurose mista. Observando, ainda, a existência da histeria em mulheres de mais idade que não eram casadas, sugerindo que o avançar da idade, a impotência sexual e a falta de relação sexual poderiam levar à doença. (FREUD, 1996 [1886], p. 106).

Em suas conclusões ele elabora soluções e fatores de risco para a doença:

A única alternativa seriam as relações sexuais livres entre rapazes e moças respeitáveis; isto, contudo, só poderia ser adotado se houvesse métodos inócuos de evitar a gravidez. Não sendo assim, as alternativas são: masturbação, neurastenia masculina e histero-neurastenia na mulher, ou então sífilis no homem, sífilis na geração seguinte, gonorréia no homem, gonorréia e esterilidade na mulher. (FREUD, I p. 109).

Ainda nos seus primeiros estudos sobre as neuroses ele referiu conhecer três mecanismos fundamentais: transformações do afeto (histeria de conversão), deslocamento do afeto (obsessões) e troca de afeto (neurose de angústia e melancolia). Afirmou ainda que em todos os casos, é a excitação sexual que parece sofrer essas alterações, podendo então formular aspectos gerais a partir dos quais classificou as neuroses como segue:

- (1) Degeneração.
- (2) Senilidade. E o que significa isto?
- (3) Conflito
- (4) Conflagração.

Definindo senilidade como: Senilidade: é evidente. Por assim dizer, é uma

degeneração normalmente adquirida na velhice. (FREUD, 1996 [1886], p. 112).

Fica claro a correlação que o autor faz entre o surgimento das diferentes formas de neurose e os determinados fatores nocivos sexuais, onde até mesmo as pessoas sadias poderiam adquirir as diferentes formas de neurose a partir destes. Neste ínterim a senilidade é vista como um fator importante da falta de excitação sexual, ficando classificado como um destes fatores sexuais no desenvolvimento das neuroses. (FREUD, 1996 [1886], p. 107).

Ou ainda nos casos em que não havia claramente uma neurose desenvolvida, sem um fator nocivo. Observa-se que o autor busca demonstrar a presença, desde o início, de uma perturbação dos afetos sexuais, em que o “Afeto sexual” era tido no seu sentido mais amplo, como uma excitação de quantidade definida, que poderia diminuir com a senilidade e que as jovens de menos idade se excitariam com maior grau em relação às mais velhas. (FREUD, 1996 [1886], p. 115).

Quando começa a definir angústia, encontra na senilidade outro fator importante para esta:

Um segundo ponto, extremamente importante, ficou definido para mim a partir da seguinte observação. A neurose de angústia afeta tanto as mulheres que são frígidas no coito como as que têm sensibilidade. Esse aspecto é interessante, e só pode significar que a origem da angústia não deve ser buscada na esfera psíquica. (FREUD, I, p. 113).

Afirmou que os homens mais velhos, cuja potência sexual estivesse diminuindo, mas que, ainda assim, praticava o coito, assim como os homens mais jovens que se casaram com mulheres mais velhas e que sentiam repulsa por elas, poderiam estar com angústia, em uma tentativa de encontrar fatores para o desenvolvimento das angústias. (FREUD, 1996 [1886], p. 124).

Assim como, parece que para algumas doenças, não chegar ao ato sexual, seria um fator de proteção. Talvez por conservar a energia libidinal, mantendo-se um estado perverso de múltiplas fontes de prazer.

Em um breve rascunho sobre as enxaquecas e seus aspectos estabelecidos relata que a infância e a velhice estariam excluídas como aspectos relacionados, pois estariam fora da vida sexual ativa. (FREUD, 1996 [1886], p. 128).

Quase de forma concomitante ao desenvolvimento do conceito de histeria Freud inicia a observação de neurose. Enquanto na histeria estaríamos lidando com as forças da libido e questões psicosexuais, nas neuroses, principalmente nas neuroses obsessivas estaríamos observando a luta do amor contra o ódio e vice-versa, que na tentativa de aprisionar o ódio, este se torna mais forte levando o indivíduo a pensamentos e rituais para não permitir que aflore.

Ainda sobre o tema das neuroses, especificamente, as neuroses obsessivas, fala dos pensamentos conscientes e complexos que se instalam nos mais velhos e que a partir da paranóia, o recalque se dá pela recusa da crença, alguma lembrança que causou sofrimento, após um processo de pensamento consciente e complexo. (FREUD, 1996 [1886], p. 136).

Fazendo uma relação entre maturidade e pensamento complexo referiu: Talvez isso seja um indício de que ele se instala, pela primeira vez, em idade relativamente mais avançada do que na neurose obsessiva e na histeria. (FREUD I, p. 136).

Fica evidente, nestes primeiros escritos, o início do pensamento de Freud sobre o envelhecimento, a relação deste com a diminuição da potência, de cunho sexual e o surgimento de doenças e do sofrimento psíquico.

2.2 *Morte e Finitude*

Freud tenta entender a natureza da morte, primeiramente citando os povos primitivos e suas crenças de que a morte não seria algo natural e sim uma influência de um espírito mau ou de algum inimigo. Depois cita os biólogos, referindo o quão pouco consenso existe entre eles sobre a questão da morte natural e que este conceito de morte em suas mãos é fugaz. (FREUD, 1996 [1925a], p. 29).

Levanta o argumento que o fato de haver uma duração média e fixa de vida entre os animais superiores pelo menos, levanta a suspeita da existência da morte por causas naturais. Afirma ainda que, [...] de acordo com a grande concepção de Wilhelm Fliess (1906), todos os fenômenos vitais apresentados pelos organismos e também sua morte, estão indubitavelmente vinculados à conclusão de períodos fixos. (FREUD, XVIII, p. 29).

Estas questões são fruto de preocupações há muito. Questões que surgem durante o curso da obra do Freud, como se observa no texto abaixo:

Pouco depois, a pesquisa voltou-se para a verificação experimental, em organismos unicelulares, da alegada imortalidade da substância viva. Um biólogo americano, Woodruff, fazendo experiências com um infusório ciliado, o 'animálculo deslizador' (slipper-animalcule), que se reproduz por fissão em dois outros indivíduos, persistiu até a 3.029ª geração (ocasião em que interrompeu a experiência), a cada vez isolando um dos produtos parciais e colocando-o em água nova. Esse remoto descendente do primeiro animálculo era tão vivaz quanto seu antepassado e não apresentava sinais de envelhecimento ou degeneração. (FREUD, XVIII, p. 31).

As questões relacionadas à imortalidade e a ilusão mística da infinitude levam o homem a desprender muito do seu para tentar garantir a vida eterna. Talvez diante da horrível certeza da morte, o homem se empenha em buscar experiências satisfatórias com que na tentativa de justificar sua existência e a vida.

Falando das conclusões desta pesquisa:

Primeiro: se dois dos animálculos, no momento antes de apresentarem sinais de senescência, puderem coalescer um com o outro, isto é, 'conjugarem-se' (pouco após o que, mais uma vez se separam), salvam-se de ficarem velhos e tornam-se 'rejuvenescidos'. A conjugação é indubitavelmente a antecessora da reprodução sexual nas criaturas mais elevadas[...]. (FREUD, XVIII, p. 31).

O medo da morte nos remete a utilizar da negação da velhice como mecanismo de defesa primitivo para se perpetuar em vida. O retorno à infância, através deste mecanismo, deixa a criança que existe dentro de cada um de nós brincar, independente da idade. Por isso há quem diga que a velhice está na cabeça e não no corpo.

Ainda sobre a preocupação com a senescência e a morte:

Maupas, Calkins e outros, em contraste com Woodruff, descobriram que, após certo número de divisões, aqueles infusórios se tornavam mais débeis, diminuía de tamanho, sofriam a perda de alguma parte de sua organização e acabavam por morrer, a menos que certas medidas recuperadoras lhes fossem aplicadas. Se assim for, os protozoários pareceriam morrer após uma fase de senescência, exatamente como aos animais superiores, contraditando assim completamente a assertiva weismanniana de que a morte é uma aquisição tardia dos organismos vivos. (FREUD, XVIII, p. 31).

Negar a velhice ou buscar a perpetuação? Eis um conflito que nos acompanha desde que nos demos conta da capacidade de pensar. Muitas vezes busca-se o lado mágico e místico para acreditar na vida eterna, mas será que acreditar no "mistério da fé" alivia as angústias de quem tem um prazo de validade? Ou será que escrevendo um livro, criando filhos e plantando uma árvore conseguiremos a imortalidade?

E sobre a esperança da perpetuação:

Do conjunto dessas experiências surgem dois fatos que parecem fornecer-nos uma base firme. Primeiro: se dois dos animálculos, no momento antes de apresentarem sinais de senescência, puderem coalescer um com o outro, isto é, 'conjugarem-se' (pouco após o que, mais uma vez se separam), salvam-se de ficarem velhos e tornam-se 'rejuvenescidos'. (FREUD, XVIII, p. 31).

Sobre a possibilidade de a morte ser um processo natural:

[...] Não obstante, é provável que os infusórios morram de morte natural em resultado de seus próprios processos vitais, porque a contradição entre as descobertas de Woodruff e dos outros deve-se ao fato de haver ele provido cada geração de fluido nutriente novo. Se deixava de fazê-lo, observava os mesmos sinais de senescência que os outros experimentadores.... Um infusório, portanto, se é deixado a si mesmo, morre de morte natural devido à evacuação incompleta dos produtos de seu próprio metabolismo. (Pode ser que a mesma incapacidade seja a causa suprema também da morte de todos os animais superiores. (FREUD, XVIII, p. 32).

O medo da finitude persegue o homem desde o nascimento, como não poderia ser diferente, na obra de Freud aparecem em vários momentos menções ao tempo, porém como não é de interesse principal dessa dissertação discorrer sobre este assunto, tendo o cuidado de não fugir do tema, fica a citação.

2.3 *A sociedade, as relações fraternais e a compulsão à repetição*

Para falar de envelhecimento na obra de Freud, vale referenciar a sociedade, as relações fraternais e a compulsão à repetição. Em seus escritos, *Totem e Tabu* (1913), escancaram o tabu do incesto como fundamento da sociedade, caracterizando a passagem do estado de natureza ao de cultura, em que os relacionamentos entre os indivíduos não aparentados e o medo do incesto marcam o ingresso do homem anárquico na ordem social. (TEIXEIRA, 2002, p. 198).

Observa-se que, a partir destes dois marcos, se forma um pacto fundador entre os irmãos, pacto este que se faz pela fratria. O lugar do chefe, o mais velho, passa a ser o alvo primordial desse ato fundador, que consiste na obstacularização da onipotência deste, até ser destituído ao ser assassinado pelos mais novos, passando a ocupar um lugar de Pai mítico. (TEIXEIRA, 2002, p. 198).

O lugar social da morte e do envelhecimento são temas de evidente preocupação em sua obra, se pode utilizar como exemplo a reflexão realizada no seu escrito *Além do Princípio do Prazer*, em que faz um paralelo entre os instintos do ego, pressão no sentido da morte e os instintos sexuais, pressão no sentido de um prolongamento da vida. (FREUD, 1996 [1925a], p. 28).

Para a aliança inaugural do social, se faz necessário uma distância mínima em relação aos objetos primeiros de amor, proporcionando a saída dos filhos do lugar de filho, se abstendo ao desfrute dos objetos de prazer, sendo esse o preço que os irmãos têm que pagar para lhes assegurar a vida, sendo fundamental, que os sujeitos saiam da posição de filhos de um Pai todo poderoso, assumindo-se como irmãos. (TEIXEIRA, 2002, p. 198; SUANNES; BRACCO, 2014, p. 245).

Em 1920, *Além do Princípio do Prazer* marca a obra de Freud, referindo-se à compulsão à repetição como sendo um fenômeno apresentado no comportamento das crianças e no tratamento psicanalítico. Sugerindo que essa compulsão seria algo derivado da natureza dos instintos e a declara ser poderosa o suficientemente para desprezar o princípio de prazer. (FREUD, 1996 [1925a], p. 89).

Tenta ainda entrar em um terreno metafísico que é o tema da duração da vida e da morte. Segundo o autor, foi Weismann quem introduziu a divisão da substância viva em partes mortais e imortais, sendo a parte mortal o corpo, designado de o ‘soma’, sendo este sujeito à morte natural. Já naquela época intuía sobre as células germinais, que seriam potencialmente imortais. (FREUD, 1996 [1925a], p. 29).

É neste texto que levanta os conceitos de instintos de vida e os instintos de morte. Relata que os processos vitais e a atividade desses dois impulsos instintuais, os instintos de vida e os instintos de morte, em que a morte seria resultado do propósito da vida, ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver. (FREUD, 1996 [1925a], p. 32).

Ao elaborar os instintos do ego, faz a conexão destes com a autoconservação do indivíduo, (FREUD, 1996 [1925a], p. 33), em que uma seriam instintos do ego libidinais, sendo a libido algo internalizado para a autopreservação e não somente direcionada ao objeto, o que seria sua função secundária, chegando à conclusão de que o ego é o verdadeiro e original reservatório da libido. (FREUD, 1996 [1925a], p. 34).

Agora parece que o ego encontrou então sua posição entre os objetos sexuais e imediatamente recebeu o lugar privilegiado entre eles:

A libido que assim se alojara no ego foi descrita como 'narcisista'. Essa libido narcisista era também, naturalmente, uma manifestação da força do instinto sexual, no sentido analítico dessas palavras, e necessariamente tinha de ser identificada com os instintos de autoconservação, cuja existência fora reconhecida desde o início. (FREUD, XVIII, p. 34).

No seu volume XXII, intitulado *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise e Outros Trabalhos* (1932-1936), Freud faz considerações sobre o papel das religiões e da visão de mundo religiosa no desenvolvimento da pessoa. Sendo a psicanálise a última a fazer uma contribuição crítica sobre a visão de mundo das pessoas sob influência religiosa, mostrou que a religião se originou a partir do desamparo da criança e atribuiu seu conteúdo à sobrevivência de desejos e necessidades da infância, na idade madura.

A religião é uma tentativa de obter domínio do mundo perceptível no qual nos situamos, através do mundo dos desejos que desenvolvemos dentro de nós em consequência de necessidades biológicas e psicológicas. Mas a religião não pode conseguir isso. Suas doutrinas conservam a marca dos tempos em que surgiram, dos tempos de ignorância da infância da humanidade. Seu consolo não merece fé. A experiência nos ensina que o mundo não é um aposento de crianças... Se tentarmos situar o lugar da religião na evolução da humanidade, ela aparece não como uma aquisição permanente, mas sim como um equivalente da neurose pela qual o homem civilizado, individualmente, teve de passar, em sua transição da infância à maturidade. (FREUD, XXII, p.113).

No volume XXIII, na sua conferência, *O Retorno do Reprimido*, sobre a formação e o desenvolvimento do caráter e a compulsão à repetição, Freud utiliza como exemplo, a moça que atingiu um estado da mais decidida oposição à mãe, que em seus primeiros anos, identificada com a mãe, como toda criança do sexo feminino e agora se rebela energicamente contra ela. (FREUD, 1996 [1939], p. 79 - 81).

Mas quando casa e ela mesma se torna esposa e mãe, ela começa a ficar cada vez mais parecida com a mãe a quem tanto antagonizou, até que finalmente há a superação da identificação com a mãe e sua identificação é certamente restabelecida. (FREUD, 1996 [1939], p. 79).

Relata que o mesmo acontece com os homens, citando como exemplo Goethe, que provavelmente no período de sua grande produção, olhava com desprezo para seu inflexível e pedante pai e que em sua velhice desenvolveu traços que faziam parte do caráter deste. (FREUD, 1996 [1939], p. 80).

Desde aquela época já era de conhecimento comum que as experiências dos cinco primeiros anos de uma criança são fundamentais na sua vida. Porém, naquela época, como nos dias de hoje, muitas questões ainda necessitam ser descobertas e merecem ser explicitadas sobre como essas impressões precoces se mantêm, apesar de outras influências, em períodos mais maduros da vida. (FREUD, 1996 [1939], p. 80).

Afirma que estas impressões, em alguma época posterior,

Irromperá em sua vida com impulsos obsessivos, governará suas ações, decidirá de suas simpatias e antipatias e, com muita frequência, determinará sua escolha de um objeto amoroso, que se repetirá, mesmo parecendo ser irracional. (FREUD, XXIII, p. 80).

2.4 *Estudo sobre histeria*

É notável que quando Freud retornou a Viena em 1886, pacientes com histeria eram grande parte de sua clientela na clínica de doenças nervosas, consolidando sua transição do paradigma de estudo clínico. O segundo livro de sua obra, *Estudos sobre Histeria*, discorre sobre do tratamento da Srta. Anna O. por Josef Breuer (1842 – 1925), que ocorreu entre 1880 e 1882. Naquela ocasião, Sigmund Freud (1856-1939) acabara de se formar em medicina, enquanto que Breuer já tinha alta reputação em Viena, tanto como médico, mas também como cientista. Após o termino do tratamento, Breuer relatou a história a Freud, que demonstrou interesse, tanto que três anos depois, conversou com Charcot (1825 - 1893) sobre o caso em Paris, porém o grande homem não demonstrou interesse. (FREUD, 1996 [1895], p. 3).

Os métodos de tratamento recomendados naquela época eram: a eletroterapia, a hidroterapia, a cura pelo repouso e as massagens, porém eram ineficientes, fazendo com que Freud entrasse por outra área, escrevendo o seguinte sobre a hipnoterapia com catarse: [...] atirei-me à hipnose e logrei toda espécie de sucessos pequeninos, mas dignos de nota... vali-me da hipnose de outra maneira, independentemente da sugestão hipnótica. (FREUD, II, p. 4).

Apesar dos atendimentos nesta nova prática voltada a realizar a hipnose houve um hiato nos relatos dos casos. Em junho 1892, Breuer e Freud escrevem o resumo de uma tese intitulada *Comunicação Preliminar*, que foi publicada em Berlim no *Neurologisches Centralblatt* e foi reimpressa na íntegra em Viena, nas *Wiener medizinische Blätter* fazendo com que Freud ministrasse uma conferência sobre o tema no Wiener medizinischer Club. (FREUD, 1996 [1895], p. 5).

A partir de então se preocuparam em reunir casos clínicos que foram se somando e rendeu este segundo volume de sua obra, *Os Estudos sobre a Histeria*, que foi publicado em maio de 1895, não sendo recebido de bom grado no meio médico da Alemanha e da Inglaterra. (FREUD, 1996 [1895], p. 5).

Não há outro espaço, que não o das fantasias, que o jovem em desenvolvimento processa sua vida sexual. É na esfera da representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se.

Nestas fantasias que o impulso sexual das crianças se encontra inclinado aos pais, na maioria das vezes já diferenciado e identificado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai. Estas inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos, agora reforçadas pela necessidade somática.

Nesta urgência somática surge a necessidade de desligamento da autoridade dos pais, como fator único através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha geração.

Este desligamento se constitui em uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade, desligamento este que vem ao encontro da subjugação e do repúdio dessas fantasias claramente incestuosas.

Uma parcela dos indivíduos fica retida em alguma destas etapas, que seria necessário passar para seguir o curso de desenvolvimento. Desta forma há pessoas que nunca superam a autoridade dos pais, aproveitando suas ternuras de forma incompleta ou nunca retiram deles esta ternura.

Freud relata que nesta etapa do desenvolvimento, a maioria das pessoas que ficam retidas, em sua maioria são moças que, para a alegria dos pais, persistem em seu amor infantil que vai muito além da puberdade, e que estas moças tornar-se-iam esposas frias e permaneceriam sexualmente anestesiadas. (FREUD, 1996 [1919], p. 135).

Observa-se uma repetição muito clara desta fase do desenvolvimento quando o primeiro apaixonamento sério de um rapaz frequentemente recai sobre uma mulher

madura, e o da moça, frequentemente sobre um homem mais velho e preferencialmente dotado de autoridade, como em uma tentativa de reavivar as imagens da mãe e do pai.

E sobre a escolha dos objetos, relata:

Talvez a escolha do objeto se dê, em geral, mediante um apoio mais livre nesses modelos. O homem, sobretudo, busca a imagem mnêmica da mãe, tal como essa imagem o dominou desde os primórdios da infância; e está em perfeita harmonia com isso que a mãe, ainda viva, oponha-se a essa reedição dela mesma e a trate com hostilidade. Em vista dessa importância do relacionamento infantil com os pais para a escolha posterior do objeto sexual, é fácil compreender que qualquer perturbação desse relacionamento terá as mais graves consequências para a vida sexual na maturidade. (FREUD, VII, p. 138).

Em dois grupos artificiais: a igreja e o exército, capítulo que está na obra *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1925-1926), Freud faz referência que tanto numa Igreja, como num exército, prevalece a mesma ilusão: a de que há um cabeça que ama a todos, com um amor igual, porém exige investimento de obediência para que esse amor seja retribuído, como se fosse o investimento no amor paterno. A partir de então, toda coesão do grupo depende dessa ilusão.

Esse amor igual foi expressamente enunciado por Cristo: 'Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.' Ele coloca-se, para cada membro do grupo de crentes, na relação de um bondoso irmão mais velho; é seu pai substituto. Todas as exigências feitas ao indivíduo derivam desse amor de Cristo. Ele coloca-se, para cada membro do grupo de crentes, na relação de um bondoso irmão mais velho; é seu pai substituto. (FREUD, XVIII, p. 58).

Outro aspecto semelhante ao anterior, estaria representado na dependência íntima dos complexos familiares. Quando da possibilidade de ocupar o lugar da mãe, e encontrar a realização de seus próprios desejos, no momento em que toda filha mais velha, de uma família numerosa, constrói em seu inconsciente a fantasia de tornar-se a segunda esposa do pai, com a morte da mãe.

Se a morte se consuma ou se a mãe fica gravemente enferma, é a filha mais velha quem assume naturalmente este lugar em relação aos irmãos e irmãs mais novos e pode mesmo assumir certa parte das funções da esposa, com respeito ao pai. (FREUD, 1996 [1925a], p. 139).

Sobre a psicologia grupal e necessidade de sobrevivência, em o Instinto Gregário, o autor relata que o filho mais velho gostaria de pôr de lado seu sucessor, mantendo-o afastado dos pais e privá-lo de todos os seus privilégios. Em nome do amor comum, ao invés de realizar suas vontades e livrar-se da possibilidade de a criança mais nova ser amada pelos pais tanto quanto ele próprio, ele se identifica com a outra criança e juntos repartem o amor conquistado. (FREUD, 1996 [1925a], p. 166).

A justiça é a primeira exigência feita por essa formação reativa, ou seja, tratamento igual para todos. O melhor exemplo a ilustrar este quadro é o comportamento na escola, com suas implacáveis reivindicações pela igualdade de todos. Outro exemplo caricata é quando se pensa em um grupo de mulheres e moças, todas elas apaixonadas por um cantor: (FREUD, 1996 [1925a], p. 74).

[...] de forma entusiasticamente sentimental, que se aglomeram em torno de um cantor ou pianista após a sua apresentação. Certamente seria fácil para cada uma delas ter ciúmes das outras; porém, diante de seu número e da consequente impossibilidade de alcançarem o objetivo de seu amor, renunciam a ele e, em vez de uma puxar os cabelos da outra, atuam como um grupo unido, prestam homenagem ao herói da ocasião com suas ações comuns e provavelmente ficariam contentes em ficar com um pedaço das esvoaçantes madeixas dele. Originariamente rivais, conseguiram identificar-se umas com as outras por meio de um amor semelhante pelo mesmo objeto. Quando, como de hábito, uma situação instintual é capaz de resultados diversos, não nos surpreenderá que o resultado real seja algum que traga consigo a possibilidade de uma certa quantidade de satisfação, ao passo que um outro resultado, mais óbvio em si, seja desprezado, já que as circunstâncias da vida impedem que ele conduza àquela satisfação. (FREUD, XVIII, p. 74).

Assim a psicologia grupal é a mais antiga psicologia humana, para a sobrevivência do homem primitivo, é importante a sobrevivência de cada indivíduo pois, o grupo nos

aparece como uma revivescência da horda primeva, com todos os seus atributos, investimentos, identificações, hierarquias e maturidade. A horda primeva pode ser sustentada pelo grupo, uma vez que os homens se unem sob a influência da formação de grupo, em torno de um chefe ou líder, reconhecemos nela a sobrevivência da horda primeva. (FREUD, 1996 [1925a], p. 76).

No desenvolvimento humano, o grupo, dissolve as angústias e solidifica o que foi introjetado na infância em busca da identidade adulta e formação do caráter.

Sobre o trabalho da psicanálise e sua experiência, Freud relata que a experiência analítica nos convenceu da completa verdade da afirmação, ouvida com tanta frequência: a de que a criança psicologicamente é pai do adulto e de que os acontecimentos de seus primeiros anos são de importância suprema em toda a sua vida posterior. (FREUD, 1996 [1939], p. 120).

Aqui se verifica a importância dos primeiros anos na formação do caráter e o quanto estamos envolvidos na compulsão à repetição.

2.5 *Tratamento Psicanalítico*

Em relação ao tratamento psicanalítico, Freud afirmava que a terapia psicanalítica não era, naquela época, aplicável a todos os casos, colocando a maturidade como elemento fundamental. Admitia que a técnica apresentava certas limitações. Requeria um certo grau de maturidade e compreensão dos pacientes e, portanto, não seria indicada para os jovens ou os adultos com debilidade mental ou sem instrução. Porém, estava fadada ao fracasso com as pessoas muito idosas porque, devido ao acúmulo de material nelas, "o tratamento tomaria tanto tempo que, ao terminar, elas teriam chegado a um período da vida em que já não se dá valor à saúde nervosa". (FREUD, 1996 [1899], p. 165).

Sobre a Psicoterapia (1905 [1904]): Após oito anos da sua primeira conferência sobre histeria no *Wiener Medizinisches Doktorenkollegium*, esta que parece ter sido a última conferência a ser proferida por Freud perante uma plateia exclusivamente médica, ele admite que houvera avanços, como por exemplo na compreensão da histeria, porém o mesmo não poderia dizer da técnica da psicoterapia.

A técnica tem várias limitações e estas restringem sua prática clínica, cegando a afetar suas atividades. Por isso, verifica a necessidade de ensaiar a discussão de alguns pontos: (FREUD 1996 [1905], p. 163)

A idade dos pacientes desempenha um papel na escolha para tratamento psicanalítico, posto que, nas pessoas próximas ou acima dos cinquenta anos, costuma faltar, de um lado, a plasticidade dos processos anímicos de que depende a terapia - as pessoas idosas já não são educáveis - e, por outro lado, o material a ser elaborado prolongaria indefinidamente a duração do tratamento. O limite etário inferior só pode ser determinado individualmente; as pessoas jovens que ainda não chegaram à puberdade são, muitas vezes, esplendidamente influenciáveis. (FREUD, VII, p. 164).

Fica evidente na obra de Freud, em várias passagens, que a velhice é decadente, feia e rígida, inclusive privando os mais velhos ao acesso do tratamento psicanalítico. Como observa-se no seguimento abaixo quando fala da acompanhante de uma paciente:

[...] amiga que estava com ela, uma mulher mais velha, ressequida e de aspecto doentio, implora-me então que assegure à paciente que o médico estava enganado; não era possível que fosse verdade, porque ela própria tinha ficado viúva há muitos anos e permanecia apesar disso respeitável, sem sofrer de ansiedade. (FREUD, XI, p. 136).

Ainda sobre a rigidez do envelhecimento, Freud fala sobre si mesmo e sobre a dificuldade em aceitar o conceito de transferência, relata: “com efeito, quanto maior é nossa experiência, menor nossa capacidade de resistir contra e fazermos essa correção, embora a necessidade de fazê-la envergonhe nossas pretensões científicas”. (FREUD,

1996 [1917], p. 132).

Nas primeiras vezes, talvez se possa pensar que o tratamento analítico esbarrou numa perturbação devido a um evento casual - isto é, um evento não desejado e não provocado pelo tratamento.

Quando, porém, semelhante vinculação amorosa por parte do paciente em relação ao médico se repete com regularidade em cada novo caso, quando surge sempre novamente sob as condições mais desfavoráveis e onde existem incongruências positivamente esquisitas, até mesmo quando senhoras de idade madura se apaixonam por homens de barba grisalha, até mesmo onde, conforme julgamos, não há nada, de espécie alguma, capaz de atrair - então devemos abandonar a ideia de uma perturbação casual e reconhecer que estamos lidando com um fenômeno intimamente ligado à natureza da própria doença. Esse novo fato que, portanto, admitimos com tanta relutância, conhecemos como *transferência*. (FREUD, 1996 [1917], p. 132).

Porém ao analisar a obra de Leonardo da Vinci, parece que esta concepção se modifica, quando se refere diretamente ao pintor, porém imprime na análise da sua obra as mesmas interpretações anteriores sobre a velhice. Para o entendimento destes fragmentos, vale ressaltar alguns aspectos do pintor e sua obra.

Ao contrário do que se pudera imaginar para um pintor de tal expressão, Freud escreve: "ele era alto e bem proporcionado; suas feições eram belas e invulgar a sua força física; era encantador em suas maneiras e de fácil eloquência, alegre e amável para com todos". Adorava o belo em tudo o que o cercava; apreciava as roupagens suntuosas e valorizava todos os requintes da vida. Num trecho de seu tratado sobre a pintura, que bem revela sua tendência para as diversões, compara a pintura às artes irmãs e descreve os reveses que aguardam o escultor:

Pois seu rosto fica empoeirado pelo mármore, de modo que mais parece um padeiro; fica também todo salpicado de flocos de mármore que fazem com que

pareça ter estado na neve - sua casa é cheia de poeira e de lascas de pedra. Quanto ao pintor, seu caso é bem diferente... pois o pintor senta-se em frente ao seu trabalho, cercado de todo o conforto. Veste-se bem e utiliza pincéis delicados e leves, que mergulha em cores lindas. Usa roupas que lhe agradam e sua casa é imaculada e repleta de belos quadros. Muitas vezes trabalha ao som de música ou, então, cercado de homens que lhe leem trechos de obras lindas e variadas que pode ouvir prazerosamente sem o barulho do martelo e outros ruídos. (FREUD, XI, p. 40).

Analisando sua obra, relata que depois de estudarmos o quadro por algum tempo, ocorre-nos subitamente a ideia de que somente Leonardo o poderia ter pintado assim como somente ele poderia ter criado a fantasia do abutre, sendo aquele filho ilegítimo, sem pai, que anos mais tarde fora admitido na casa do avô (pai), mas já crescera com a mãe, abutre, símbolo da maternidade. (FREUD, 1996 [1909 - 1910], p. 53).

O quadro contém a síntese da sua infância, onde na casa de seu pai, ele encontrou não somente a sua boa madrasta Donna Albiera, mas também a sua avó, mãe de seu pai, Monna Lucia. Provavelmente essas circunstâncias podem ter influenciado para que as duas figuras femininas estivessem de forma tão graciosa vigiando a criança.

Isto se comprova também quando se observa Sant'Ana, a mãe de Maria e a avó do Menino, que deveria ser uma matrona, é representada como uma mulher jovem de muita beleza, um pouco mais madura e mais séria do que a Virgem Maria. Como se o pintor tivesse dado duas mães ao Menino, como aconteceu com ele.

Freud ainda relata que Muther, por exemplo, é de opinião que Leonardo nunca procurava pintar a velhice, com suas marcas e rugas, e por esse motivo pintou Ana também como uma mulher de radiante beleza. (FREUD, 1996 1910[1909 - 1910], p. 68).

Falando sobre Leonardo explica que seu desenvolvimento o levou a tornar-se um artista e ao atingir a puberdade, com o distanciamento familiar natural da adolescência, cedeu lugar ao processo que o tornou pesquisador, porém com seus determinantes na primeira infância.

Com a perda de seu patrono, substituto de seu pai, e seguido pelas sombras que marcavam a vida, fez esta substituição regressiva assumir proporções cada vez maiores, levando o seu passado infantil a dominá-lo.

Como relata um correspondente da condessa Isabella d'Este a respeito de Da Vinci: tornou-se um impaciente no pincel. Freud aqui faz uma correlação entre como se tornou a criação artística de Leonardo, caracterizada pela a atividade de impulsos inconscientes; insaciabilidade, rigidez de comportamento e falta de capacidade para adaptar-se às circunstâncias reais, como algo inerente à maturidade, como esta incapacidade de adaptação e rigidez. (FREUD, 1996 [1909 - 1910], p. 80).

Agora faz referência ao envelhecimento como o habitual, porém consegue enxergar que em relação ao pintor foi diferente.

Ao atingir o ápice de sua vida, quando ingressava na casa dos cinquenta - época em que as características sexuais das mulheres já sofreram a involução, enquanto nos homens a libido, com frequência, apresenta um enérgico surto - sofreu ele uma nova transformação. Camadas ainda mais profundas de seu conteúdo anímico tornaram-se mais uma vez ativas; mas esta nova regressão veio beneficiar a sua arte que se encontrava num processo de atrofiamento. Encontrou a mulher que lhe despertou a lembrança do sorriso feliz e sensual de sua mãe; e, influenciado por esta lembrança reaguçada, voltou a encontrar o estímulo que o guiava no princípio de suas tentativas artísticas, na época em que retratou mulheres sorridentes. Pintou a Mona Lisa, a 'Sant'Ana com Dois Outros' e a série de retratos misteriosos caracterizados pelo sorriso enigmático. Com a ajuda do mais antigo de todos os seus impulsos eróticos goza o triunfo de uma vez mais, dominar a inibição na sua arte. Este último desenvolvimento vai-se tornando impreciso para nós, com as sombras da velhice que se aproxima. Antes disso, seu intelecto se elevava até o mais alto grau de realização formulando uma concepção do mundo que de muito ultrapassou a sua época. (FREUD, XI, p. 79-80).

Em *A história do Movimento Psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914 – 1916), verifica-se o enriquecimento das ciências quando o novo tenta se opor ao instituído, como Freud relatou a necessidade de comparar suas teorias com as teorias de Adler e Jung, mostrando os pontos em comum e os pontos distantes, produzindo conhecimento para tal. Freud (1914) relata ainda que

em Jung, faz-se apelo ao direito histórico da juventude de romper os grilhões com os quais a tirania dos mais velhos e seus pontos de vista tacanhos procuram aprisioná-la. Algumas palavras devem ser dedicadas ao esclarecimento da falácia dessas ideias. (FREUD, XIV, p. 36).

Um dos pontos de divergência tem haver com a velhice e suas facetas. Freud relata que um dos pontos de divergência entre a psicanálise e o novo movimento de Jung é a forma com que este encara a repressão. Quando diz que:

o complexo de incesto é meramente “simbólico”, que apesar de tudo não possui existência “real”, que afinal de contas um selvagem não sente nenhum desejo por uma mulher velha, prefere uma jovem e bonita, somos tentados a concluir que “simbólico” e “sem existência real” simplesmente significam algo que, em virtude de suas manifestações e efeitos patogênicos, é descrito pela psicanálise como “existindo inconscientemente” - descrição que elimina a contradição aparente. (FREUD, XIV p. 41).

Ainda sobre o papel da psicanálise relata o autor que se pode expressar estes objetivos em diversas fórmulas:

tornar consciente o que é inconsciente, remover as repressões, preencher lacunas da memória - tudo isso corresponde à mesma coisa. Fala ainda da capacidade dos terapeutas mais experientes em lidar com o fenômeno da transferência e seus amores e do seu trabalho enquanto formulador da teoria empírica da psicanálise, após vinte e cinco anos de trabalho. (FREUD, XVI, p. 128).

Aqui é importante ressaltar o valor da experiência dado por Freud, principalmente que estes textos foram escritos em decorrência da necessidade de resposta aos opositores, jovens, da psicanálise.

Mais uma vez ressalta o valor da experiência:

por outro lado, não devem, de modo algum, supor que aquilo que lhes apresento como conceito psicanalítico seja um sistema especulativo. Pelo contrário, é empírico - seja uma expressão direta das observações, seja um processo consistente em trabalhá-las exaustivamente. Se esse trabalho exaustivo foi executado de uma maneira adequada e fundamentada, isto se verá no decorrer de futuros progressos da ciência, e realmente posso afirmar, sem jactância, após um período de quase vinte e cinco anos e tendo atingido uma idade razoavelmente avançada, que essas observações são o resultado de trabalho especialmente difícil, intensivo e aprofundado. (FREUD, XVI, p. 4).

Com o passar dos anos é possível observar que a maturidade deixa os escritos de Freud mais seguros e serenos em relação à sua nova ciência.

2.6 *Sobre Sonhos, Mitos e Contos de Fada*

A mitologia, os contos e os mitos muito são utilizados pela psicanálise para explicar de forma lúdica o que se passa na psique humana. Relacionados à velhice encontramos na mitologia algumas referências. Os Gregos acreditavam na existência dos hiperbóreos que seria um povo feliz e livre da velhice.

No conto A Esfinge que conta a história de Édipo e sua saga, narra a morte da esfinge quando se joga do alto do rochedo após Édipo resolver o seguinte enigma: qual o animal que de manhã anda de quatro, a tarde de dois e a noite de três pés? E a resposta foi: o homem, quando criança, adulto e idoso, este andando com uma bengala.

Em se falando de heróis, talvez o maior ícone da velhice que atravessa o tempo em busca da sonhada imortalidade, seja Ulisses. Personagem que vive entre o antigo e o moderno, que serve para cada cultura como melhor convier. Dependendo do sistema que o interpreta, ora lhe atribui o herói, ora quesitos de ideais que se relacionam muito bem com questões atuais do mundo ocidental, como uma sombra que se alonga. Mas para que o homem viajasse pelos mares e morresse um herói velho, vários sacrifícios teriam que ser realizados para acalmar a ira de Poseidon (BERNARDES, 2009, p. 1 - 11).

A interpretação dos sonhos (Segunda parte) e Sobre os Sonhos (1900 – 1901). Neste escrito Freud tenta explicar que boa parte do trabalho intermediário executado durante a formação de um sonho seria encontrar formas verbais para descrever os pensamentos isolados, como um poema que precisa expressar um significado apropriado do pensamento e a expressão desse significado deve rimar com o primeiro verso.

Dessa forma não há por que se surpreender com o papel das palavras na formação dos sonhos. As palavras, por serem ambíguas servem muitas vezes para disfarçar as neuroses (por exemplo, na estruturação de obsessões e fobias) e faz referência ao envelhecimento quando tenta elucidar os sonhos de punição, dentro destes jogos de palavras.

Eu não faria objeção a que essa classe de sonhos fosse distinguida dos “sonhos de realização de desejo” sob o nome de “sonhos de punição”. Não encararia isso como algo que implicasse qualquer restrição da teoria dos sonhos que propus até aqui; isso não passaria de um expediente linguístico para atender às dificuldades daqueles que acham estranho que os opostos possam convergir...o instigador inconsciente do sonho revelou-se, desse modo, como sendo um dos desejos que corroem constantemente o homem que está envelhecendo. O conflito que se travava em outros níveis da psique entre a vaidade e a autocrítica determinara, é verdade, o conteúdo do sonho, mas só o desejo mais profundamente enraizado de ser jovem é que possibilitou a esse conflito aparecer como um sonho. Mesmo quando acordados, às vezes dizemos a nós mesmos: “As coisas vão muito bem agora e a situação era difícil nos velhos tempos; mesmo assim era uma beleza - eu era ainda jovem”. Talvez por isso insistimos em relembrar o passado saudoso como sendo melhor que o presente. (FREUD, V, p. 93)

A característica essencial dos sonhos de punição seria o fato de ser um desejo pré-consciente, ou seja, um desejo punitivo que reage contra o recalque e pertence ao ego. (FREUD, 1996 [1901b], p. 145).

Como ilustração relata um de seus próprios sonhos, para mostrar a maneira como o trabalho do sonho lida com resto diurno de expectativas penosas do dia anterior. Relata um sonho derivado de uma preocupação com seu filho que estava no fronte de batalha, esta preocupação deu origem a um sonho de uma notícia boa que ganhariam um bom dinheiro vindo do exército do seu filho.

A preocupação com seu filho morto no campo de batalha e sua necessidade de receber dinheiro na sua clínica, o fez ter um sonho punitivo em que relatava esta preocupação sem deixar de desejar o dinheiro. (FREUD, 1996 [1901b], p. 146).

A lembrança de um impulso que lhe causou um acidente aos dois anos foi acompanhada por um pensamento de censura: “é bem feito para você”; e isso parecia ser um impulso hostil dirigido ao valente soldado com seus impulsos. (FREUD, 1996 [1901b], p. 146).

Uma análise mais profunda permitiu-me enfim descobrir que o impulso oculto poderia haver encontrado satisfação no temido acidente com meu filho: era a inveja que

sentem dos jovens aqueles que envelheceram, e que estes acreditavam haver sufocado por completo.

Não há dúvida de que foi a intensidade da emoção penosa que teria surgido, caso tal fato fosse real, que o fez buscar uma realização de desejo recalcada para assim encontrar algum consolo. (FREUD, 1996 [1901b], p. 146).

Sendo assim, algumas das atividades que causavam assombro na execução dos sonhos, não devem ser atribuídas a eles, mas sim ao pensamento inconsciente, que é tão ativo durante o dia quanto à noite, sendo os sonhos, representações simbólicas do corpo.

Sabe-se que essas representações são produto de certas fantasias inconscientes (derivadas provavelmente de emoções sexuais), que encontram expressão não apenas nos sonhos, mas também nas fobias histéricas e outros sintomas. (FREUD, 1996 [1901b], p. 180).

De forma comum, aparecem nos sonhos comparações entre velhice e aspectos degradantes do ser humano. Como por exemplo quando relata que:

No hospital daqui, tive a honra de servir durante anos sob as ordens de um chefe que há muito era um fóssil e que por décadas fora notoriamente um débil mental, mas que tinha permissão para continuar exercendo seu cargo de responsabilidade. (FREUD, V, p. 213).

Quando prossegue no exame dos pensamentos oníricos, continua a encontrar a ironia e o desprezo com correlação aos absurdos do sonho manifesto.

Meu amigo se vangloria de que, quando estudante, desencadeou uma tempestade que levou à destituição de um velho professor que, embora um dia se tivesse distinguido (entre outras coisas, precisamente em conexão com o mesmo ramo de anatomia comparada), havia-se tornado incapaz de ensinar devido à demência senil. Assim, a agitação provocada por meu amigo serviu para combater o nocivo sistema o segundo qual não existe limite de idade para

os funcionários acadêmicos nas universidades alemãs - porque a idade, proverbialmente, não é defesa contra a loucura. (FREUD, V, p. 213).

O volume IX foi sua primeira análise de uma obra literária. A ideia de submeter a uma investigação essa espécie de sonhos pode parecer estranha e inútil, principalmente por está bem longe de ser geral a crença de que os sonhos possuem um significado e podem ser interpretados. Sendo as pessoas mais simples e aqueles com maior superstição, aquelas quem mais aceitam a ideia de que os sonhos seriam passíveis de interpretação.

Esta obra tem suma importância, pois inseridos no exame de *Gradiva*, encontram-se não só um sumário da explanação de Freud sobre os sonhos, mas também o que talvez seja a primeira de suas exposições semipopulares sobre a teoria das neuroses e da terapêutica da psicanálise. (FREUD, 1996 [1908], p. 3).

O oposto do brincar seria a realidade, existe uma outra circunstância que despertaria interesse em examinar por mais alguns instantes esta antítese entre a realidade e o brincar. Após vários anos de esforço para viver em seriedade e encarar as realidades da vida, quando finalmente a criança cresce e para de brincar, mesmo assim pode ocorrer um dia em que desapareça o abismo entre brincar e realidade e o adulto retorne para uma situação mental que lhe permita brincar novamente. (FREUD, 1996 [1908], p. 79).

Existe uma outra circunstância que nos leva a examinar por mais alguns instantes essa oposição entre a realidade e o brincar. Quando a criança cresce e para de brincar, após esforçar-se por algumas décadas para encarar as realidades da vida com a devida seriedade, pode colocar-se certo dia numa situação mental em que mais uma vez desaparece essa oposição entre o brincar e a realidade. Como adulto, pode refletir sobre a intensa seriedade com que realizava seus jogos na infância, equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança, pode livrar-se da pesada carga imposta pela vida e conquistar o intenso prazer proporcionado pelo humor.

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento,

quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios. Acredito que a maioria das pessoas construa fantasias em algum período de suas vidas. Este é um fato a que, por muito tempo, não se deu atenção, e cuja importância não foi, assim, suficientemente considerada. (FREUD, IX, p. 80)

Aí vem o humor como uma flecha retirando a carga pesada da vida e trazendo o prazer que é viver com intensa seriedade, como que realizando seus jogos na infância, com tanta seriedade, equiparando suas ocupações do presente, aparentemente tão sérias, aos seus jogos de criança. (FREUD, 1996 [1908], p. 79).

O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo - que auxilia o seu desenvolvimento -, o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando 'de adulto', imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos. Ela não tem motivos para ocultar esse desejo. Já com o adulto o caso é diferente. Por um lado, sabe que dele se espera que não continue a brincar ou a fantasiar, mas que atue no mundo real; por outro lado, alguns dos desejos que provocaram suas fantasias são de tal gênero que é essencial ocultá-las. Assim, o adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas. (FREUD, IX, p. 80).

Em relação à interpretação dos sonhos folclóricos relata:

Neste caso, intitulado Estúpido, um camponês sonhou que estava trabalhando em seu campo de trevos e foi surpreendido por uma necessidade urgente de defecar, porém não queria sujar seu próprio trevo, "*foi até campo do vizinho, baixou as calças e deixou cair uma rodela de bom tamanho sobre o chão*". Ao finalizar, para se limpar arrancou a grama com vontade e acordou com suas bochechas doloridas, pois fora esbofetado pela esposa, que lhe chama de *Seu estúpido velho e surdo* e pergunta-lhe se poderia parar de puxar seus pelos. A experiência psicanalítica demonstra que, o arrancar gramas, se origina do grupo de símbolos relativos à masturbação, porém o desejo de morte da pessoa que sonha, dirigido contra a esposa, ainda precisaria de confirmação na interpretação psicanalítica. (FREUD, 1996 [1913], p. 122 - 123).

O sonho que segue, o analisando enterra a esposa (hipocritamente designada como um tesouro), ao enterrar o recipiente que contém o ouro na terra e, como é comum nos sonhos sobre tesouro, ao deixar cair um monte de fezes em cima, para assinalar o lugar. Durante a escavação, ele está com as mãos ocupadas na vagina da mulher.

2.6.1 De Medo

Neste sonho o Paxá passou a noite com o Bei, no dia seguinte, o Bei ficou deitado na cama e não quis se levantar. Segue o diálogo entre os dois:

O Bei perguntou ao Paxá: ‘O que foi que você sonhou?’ ‘Sonhei que sobre o minarete havia outro minarete.’ ‘Poderia ser?’ ficou pensando o Bei. ‘E que mais você sonhou?’ ‘Sonhei’, disse ele, ‘que sobre o minarete havia um cântaro de cobre e que havia água no cântaro. O vento soprou e o cântaro de cobre balançou. Agora, o que teria feito você, se houvesse sonhado isso?’ ‘Teria me mijado, e cagado também, de medo.’ ‘Veja você, eu só me mijei.’ (FREUD, XII, p. 122).

Este sonho exige uma interpretação simbólica, pois os símbolos são muito claros. Freud questiona:

Por que deveria o sonhador sentir-se realmente assustado pela visão de um cântaro de água a balançar-se na ponta de um minarete? O minarete visto como símbolo do pênis e o receptáculo de água, que ao mover-se ritmicamente se torna semelhante ao símbolo dos órgãos genitais femininos no ato sexual, pode-se deduzir que o Paxá teve, portanto, um sonho de copulação. A partir da defecação que seu hospedeiro realizou no sonho com relação a ele, inicia a interpretação correlacionada à maturidade quando relata que na circunstância de ambos serem homens velhos e impotentes, descrevendo que na evolução da velhice há uma substituição do prazer sexual pelo excremental que, neste caso, surgiu devido à falta de um objeto sexual apropriado, pois, como disse Freud (1913):

para um homem que não pode mais copular, diz o povo com seu grosseiro amor pela verdade, ainda resta o prazer de cagar; podemos dizer de tal homem que há uma volta do erotismo anal, que existia antes do erotismo genital, e foi reprimido e substituído por este último impulso. Os sonhos de defecação podem assim ser também sonhos de impotência. (FREUD, XII, p. 125).

Em relação à impotência sexual dos homens na velhice, além do sonho que foi discutido anteriormente, intitulado: de medo; há também o relato do sonho: o anel da fidelidade. Ou ainda como se observa no sonho das *Facetiae*, de Poggio, em que a interpretação do mesmo tema, a impotência, pode ser em relação ao sonho de um homem ciumento, que na realidade, acha que não possa satisfazer sua mulher. (FREUD, 1996 [1913], p. 125).

As interpretações dos sonhos não diferem de forma tão acentuada, em relação à impotência, quando se faz a comparação entre o sonho de um homem e o de uma mulher. Neles também, quando se trata de uma mulher quem sonha, os sonhos de defecação tratam da impotência, porém uma impotência relativa, como se relacionasse um homem que não satisfaz mais aquela mulher, ou seja a mulher não sente mais atração por aquele homem, enquanto que os sonhos realizados pelos homens significam que este homem não pode mais satisfazer uma mulher. (FREUD, 1996 [1913], p. 125).

O tema impotência na velhice é freqüente nas fantasias e sonhos durante toda a vida. O medo de não ser viril, de não satisfazer o outro, de não ser desejado são encontrados corriqueiramente na prática clínica nos transtornos fóbicos ansiosos e na sua relação com o medo da morte e a velhice.

2.6.2 O anel da fidelidade

Este sonho realizado por um ciumento, Franciscus Philelphus, que era atormentado pela grande preocupação de que sua esposa tivesse relações com outro

homem, vigiando-a dia e noite. Visto que o que nos ocorre durante o dia, costuma retornar nos sonhos, apareceu-lhe durante o sono um demônio que lhe disse que,

se agisse de acordo com suas ordens, a mulher sempre lhe permaneceria fiel. No sonho, Franciscus respondeu-lhe que ficaria muito penhorado e prometeu-lhe uma recompensa. Toma este anel! ', respondeu o demônio, ' e usa-o em teu dedo com cuidado. Enquanto o usares, tua mulher não poderá deitar-se com nenhum outro homem sem o teu conhecimento. (FREUD, XII, p. 126).

Ao acordar, muito feliz, verificou que estava enfiando o dedo na vulva da esposa. Parece que os ciumentos não poderiam deixar suas mulheres serem possuídas por outro homem sem o conhecimento dos maridos. (FREUD, 1913).

Em *O Tema dos Três Escrínios* (1913) Freud busca em temas mitológicos, contos de fadas e em Shakespeare a explicação para que a mais nova fosse melhor que a mais velha. Existe na literatura várias referências a mesma situação, como por exemplo: a escolha de uma Deusa entre três pelo pastor Páris, que declara ser a terceira a mais bela.

Outro exemplo é o conto da Cinderela, que também é uma filha mais nova, preferida pelo príncipe às duas irmãs mais velhas. Assim como em Psiqué, na história de Apulcio, em que a mais jovem é a mais bela entre três irmãs.

Observa-se temas em comum nestes contos, o castigo pelas figuras maternas, a ajuda por criaturas pequenas e a mudez do chumbo, como em Cordélia, Afrodite, Cinderela e Psiqué.

Além disso, a escolha seria quase impossível de ser realizada por um homem mais velho, como não se deve deixar de lembrar o fato de a escolha de Lear ser entre três *filhas*; e não entre três mulheres, isto pode se dever ao simples fato de ser representado como um velho. Um velho não pode escolher muito bem entre três mulheres, de nenhuma outra maneira. Assim, elas se tornaram suas filhas. (FREUD, 1996 [1913], p. 178).

Algumas reflexões se fazem a partir destes escritos: o quanto os velhos e moribundos não gostariam de renunciar o amor, ou até escutar um eu te amo? O fato de conseguirem tripudiar da morte ao ver outros morrendo primeiro é algo ambivalente. O natural era esperar de Lear, como um homem velho e moribundo, somente a partilha de sua herança, o que foi sugerido sem estranheza, porém com disse Freud (1913),

o homem condenado não está disposto a renunciar o amor das mulheres; insiste em ouvir quanto é amado. Permitam-nos agora recordar a comovente cena final, um dos pontos culminantes da tragédia no teatro moderno:

Lear carrega o corpo morto de Cordélia para o palco. Cordélia é a Morte. Se invertermos a situação, ela se torna inteligível e familiar para nós. Ela é Deusa da Morte que, como as Valquírias na mitologia germânica, recolhe do campo de batalha o herói morto. A sabedoria eterna, vestida deste mito primevo, convida o velho a renunciar ao amor, escolher a morte e reconciliar-se com a necessidade de morrer. (FREUD, XII, p. 183).

Interessante o quanto o dramaturgo nos leva a refletir sobre o tema do envelhecimento, da morte e do amor materno. Como um homem idoso persegue as três mulheres que representam uma? Ao dividir seu reino e partir ao encontro da morte, a mais nova, Lear permite-nos chegar a uma interpretação de três figuras femininas do tema. Poderia se dizer que o que se as três mulheres, são as três representações das relações que buscam os homens com as mulheres: a relação com a mulher que o dá à luz, a relação com a mulher que é a companheira e a relação com a mulher que o destrói; ou a relação com a própria mãe ao longo da vida, as três formas assumidas pela figura da mãe. (FREUD, 1996 [1913], p. 178).

A própria mãe, a amada que é escolhida segundo o modelo daquela, e por fim, a Terra Mãe, que mais uma vez o recebe. Mas é em vão que um velho anseia pelo amor de uma mulher, como o teve primeiro de sua mãe; só a terceira das Parcas, a silenciosa Deusa da Morte, toma-lo-á nos braços. (FREUD, XII, p. 183).

Em *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1915 – 1916a), talvez sua obra de maior circulação, na conferência intitulada censura dos sonhos o autor fala da deformidade dos sonhos, pressupondo que

os sonhos são coisas que eliminam, pelo método da satisfação alucinatória, estímulos (psíquicos) perturbadores do sono”, parece muito influenciado pelo contexto da época e mostra como se pensava a respeito da sexualidade de uma senhora:

[...] Foi registrado por uma senhora pertencente ao nosso grupo, e, conforme ela nos conta, provém de uma senhora de idade avançada, altamente conceituada e instruída. Não foi feita nenhuma análise do sonho; nossa informante observa que para um analista ele não requer interpretação. E a pessoa que o sonhou também não o interpretou, porém o julgou e o condenou como se compreendesse a maneira de interpretá-lo; pois, a respeito do mesmo, ela disse: ‘E uma coisa chocante e estúpida como esta foi sonhada por uma mulher de cinquenta anos, que dia e noite não tem outros pensamentos senão os de se preocupar com seu filho! ‘Aqui, pois, está o sonho - que trata de ‘serviços de amor’ em época de guerra[...]. (FREUD, XV, p. 88 – 89).

Este sonho inicia com a senhora indo oferecer seus serviços voluntários ao chefe do Hospital da Guarnição N° 1, porém disse serviços de tal modo que o suboficial entendeu que seriam serviços de amor. Por se tratar de uma senhora idosa, houve alguma resistência em liberar sua entrada.

[...] Eu e muitas outras mulheres e moças de Viena estamos prontas para...” nesta altura do sonho, suas palavras se transformaram num sussurro ininteligível “...para as tropas - oficiais e outras patentes, sem distinção.” Ela pôde compreender pela expressão do rosto dos oficiais em parte com uma expressão de constrangimento e em parte de malícia que todos haviam compreendido suas palavras corretamente. Prosseguiu a senhora: “Estou cônica de que nossa decisão pode parecer surpreendente, mas nossa intenção é realmente séria. Ninguém pergunta a um soldado no campo de batalha se ele deseja morrer ou não.” Seguiu-se um incômodo silêncio de alguns minutos[...]. (FREUD, XV, p. 89).

Em outro fragmento do mesmo sonho, observa-se:

O médico pôs então um braço em torno de sua cintura e disse: ‘Suponha, madame, que isso realmente viesse a... (murmúrio).’ Ela afastou-se dele dizendo com os seus botões: “Ele é como todos os demais”, e retrucou: “Deus do Céu, sou uma velha e nunca poderia chegar a esse ponto. Além disso, há uma condição que deve ser observada: idade deve ser respeitada. Jamais deve acontecer que uma mulher idosa...(murmúrio)...um mero garoto. Isso seria terrível[...]. (FREUD, XV, p. 89).

Após esse primeiro momento e como alguns oficiais riam alto, sendo um deles pretendido sua mão em tempos passados, solicitou que fosse ao encontro do Chefe do Serviço Médico.

Quando subia, ouviu um oficial dizer: “Essa é uma tremenda decisão a tomar - não importa que uma mulher seja moça ou velha! Belo gesto o dela!” Sentindo simplesmente que estava cumprindo com seu dever ela subiu por uma interminável escada. (FREUD, XV, p. 89).

O sonho foi repetido por duas vezes nas próximas semanas. Ao fazer as inserções, Freud, verifica que o conteúdo da fantasia se revela como sendo o seguinte:

a mulher que teve o sonho, atendendo a uma obrigação patriótica, está apta a colocar-se à disposição das tropas, tanto de oficiais como de outras categorias, para satisfação das necessidades eróticas dos mesmos. Naturalmente, isso é muito censurável, é o modelo de uma fantasia libidinal desavergonhada - tal, porém, absolutamente não aparece no sonho. Precisamente nos pontos onde o contexto exigiria que isso fosse admitido, o sonho manifesto contém um murmúrio indistinto: algo se perdeu ou foi suprimido”. (FREUD, XIV, p. 90).

Na *Conferência XIII - Aspectos arcaicos e infantilismo dos sonhos sobre as relações com os mais velhos*, relata ainda que: os irmãos sempre apresentarão rivalidade pelo amor dos pais, pelas posses comuns e pelo espaço vital. A hostilidade geralmente é dirigida em forma de impulsos contra membros mais velhos e também mais novos.

Foi *Bernard Shaw*, segundo penso, quem comentou: ‘Via de regra, só existe uma pessoa que uma menina inglesa odeia mais do que a sua mãe; é a sua irmã mais velha. Neste comentário existe, porém, algo que nos parece estranho. Poderíamos, quando muito, achar compreensíveis o ódio e a competição entre irmãos e irmãs. Mas como podemos supor que sentimentos de ódio venham a surgir nas relações entre filha e mãe, entre pais e filhos? Esta relação é, sem dúvida, uma relação mais favorável também do ponto de vista dos filhos... Os motivos dessa hostilidade geralmente são conhecidos e sua tendência é separar os do mesmo sexo - a filha, de sua mãe, e o pai, de seu filho. A filha encontra em sua mãe a autoridade que restringe sua vontade e que está incumbida da tarefa de impor-lhe a renúncia à liberdade sexual, renúncia que também a sociedade exige; em alguns casos, a filha encontra em sua mãe até mesmo uma

competidora que luta por não ser suplantada. A mesma coisa se repete entre filho e pai, e de forma ainda mais flagrante. Aos olhos do filho, o pai representa todas as restrições sociais relutantemente toleradas; o pai lhe impede o exercício da vontade, o prazer sexual incipiente e, nas famílias em que existe propriedade comum, o desfrute desta. (FREUD, XIV, p. 133).

Estes tensionamentos, se bem aproveitados, levam a um desenvolvimento maduro pautado na tolerância à frustração e no princípio da realidade.

2.7 *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*

Falando dos erros que se comete na ação, escreve um texto retirado da obra de Meringer e Mayer (1895, p. 98). Os equívocos da fala não deixam de ter paralelos. Correspondem às falhas que frequentemente ocorrem em outras atividades humanas e são conhecidas pela denominação bastante tola de ‘descuidos’. (FREUD, 1996 [1901b], p. 106).

Os descuidos, incluindo os erros médicos, neste caso, se referia com o complexo de Édipo. Estava sob a influência de um sonho que lhe fora contado na noite anterior e que sua interpretação teria sido a respeito de relações sexuais do jovem com sua própria mãe.

No dia seguinte, quando fora visitar a sua paciente idosa, refere:

Absorto em tais pensamentos, fui ver minha paciente, que tem mais de noventa anos, e devo ter estado a caminho de apreender a aplicação humana universal do mito de Édipo como um correlato do destino que se revela nos oráculos, pois então “atentei contra a velha” ou “cometi um erro em relação à velha” [“vergreifen sich bei der Alten”]. Também esse equívoco na ação foi inofensivo; dos dois erros possíveis, aplicar a solução de morfina no olho ou injetar o colírio, escolhi o que era bem mais inofensivo. Resta ainda a questão de saber se, nos erros capazes de provocar danos graves, é lícito admitirmos a possibilidade de uma intenção inconsciente, tal como fizemos nos casos já discutidos. (FREUD, VI, p. 117).

Assim, os atos falhos se constituem na representação simbólica de um pensamento que, na verdade, não se destinava a ser admitido de maneira séria e consciente e outras vezes salva-nos de uma situação constrangedora ou desagradável.

No caso do esquecimento de nomes e sequências de palavras, segue o exemplo em relação ao quanto é desagradável para o consciente admitir a velhice:

No instante seguinte o homem mais moço recuperou o nome perdido. 'Castelvetrano', exclamou, satisfeito por poder apontar o v em que havia insistido. Durante algum tempo, o mais velho não teve nenhuma sensação de reconhecimento, mas depois de ter aceito o nome, coube-lhe explicar por que o havia esquecido 'Evidentemente', disse, 'porque a segunda metade, "-vetrano", soa como "veterano". 'Sei que não gosto muito de pensar em envelhecer e tenho reações estranhas quando me lembram disso. Por exemplo, recentemente usei os mais curiosos disfarces para acusar um amigo muito estimado de ter perdido a juventude há muito tempo, e isso porque, numa ocasião anterior, em meio às observações mais lisonjeiras a meu respeito, esse amigo havia acrescentado que eu "já não era um homem jovem". [...] Algum tempo depois, acrescentou: 'Evidentemente, o nome para Enna também era um nome substituto. E agora me ocorre que Castrogiovanni - o nome que se impôs ao primeiro plano com a ajuda de uma racionalização - soa como "giovene", jovem, assim como o nome perdido, Castelvetrano, soa como "veterano", velho.' "O homem mais velho acreditou ter assim esclarecido seu esquecimento do nome". (FREUD, VI, p. 25).

Os atos falhos de linguagem se constituem, talvez, os exemplos mais comuns que se encontra. A seguir temos um outro exemplo de ato falho de linguagem, que na técnica psicoterápica serviria de material para ser analisado o porquê inconsciente de achar o velho burro.

Meringer nos conta que ele próprio, ao saudar certa vez alguém que, por ser o membro mais velho de uma sociedade, era familiarmente tratado pelo título honorífico de "Senexl" ou ...altes [velho] Senexl", disse-lhe: "Prost [À sua saúde!], Senex altes!" O próprio Meringer ficou chocado com esse engano (Meringer e Mayer, 1895, 50). Talvez, possamos interpretar seu afeto se considerarmos o quanto a forma "Altes" se aproxima da expressão insultuosa "alter Esel" ["burro velho"]. Existem poderosas punições internas para qualquer falta de respeito para com os mais velhos (ou seja, reduzindo isso aos termos da infância, do respeito para com o pai). (FREUD, VI, p. 58).

Conforme Freud acreditava que um lapso de escrita por parte de um médico, ao escrever uma receita, tem uma importância que vai muito além do costumeiro valor prático dos atos falhos, e nestes casos, em especial, tem-se a idade avançada como pontos comuns: (FREUD, 1996 [1901b], p. 82).

Contou-me um colega que, no decorrer dos anos, cometeu várias vezes um erro ao receitar certo medicamento a suas pacientes de idade avançada. Em duas ocasiões, receitou uma dose dez vezes maior do que a correta e em seguida viu-se obrigado, ao se aperceber disso repentinamente, com extrema angústia ante a ideia de ter prejudicado sua paciente e ter-se exposto a um enorme transtorno, a tomar medidas apressadas para recuperar a receita. Esse curioso ato sintomático merece ser esclarecido por uma descrição mais exata de cada caso e por uma análise. (FREUD, VI, p. 82).

Primeiro caso:

Ao tratar de uma pobre mulher já no limiar da senectude, o médico receitou, contra uma constipação espasmódica, uma dose dez vezes mais forte de supositórios de beladona. Ele deixou o ambulatório e, já em casa, cerca de uma hora depois, enquanto lia o jornal e tomava o café da manhã, seu erro de repente lhe ocorreu; dominado pela angústia, ele correu primeiro ao ambulatório para conseguir o endereço da paciente, e de lá foi às pressas para a casa dela, que ficava muito afastada. Ficou radiante ao constatar que a velhinha ainda não mandara aviar a receita e voltou aliviado para casa. A desculpa que deu a si mesmo nessa ocasião, não sem justificativa, foi que o chefe do ambulatório, muito conversador, ficara olhando por sobre seu ombro enquanto ele escrevia a receita e o havia distraído. (FREUD, VI, p. 82).

Segundo caso:

O médico teve de se afastar a contragosto da consulta a uma bela paciente, coquete e provocadora, para fazer uma visita médica a uma velha solteirona. Tomou um táxi, pois não dispunha de muito tempo para essa visita; é que, em certo horário, tinha combinado encontrar-se em segredo com uma jovem a quem amava, perto da casa dela. Também aqui havia uma indicação de beladona por causa de queixas análogas às do primeiro caso. Mais uma vez, ele cometeu o erro de receitar uma dose dez vezes mais forte do medicamento. A paciente trouxe à baila um assunto de certo interesse, mas que não vinha ao caso, e o médico mostrou impaciência, embora a negasse com suas palavras, e

deixou a paciente, conseguindo comparecer a tempo ao encontro marcado. Umás doze horas depois, por volta das sete da manhã, o médico acordou; quase simultaneamente, vieram-lhe à consciência seu lapso de escrita e um sentimento de angústia, e ele enviou às pressas um recado à paciente, na esperança que o remédio ainda não tivesse sido retirado da farmácia, pedindo que a receita lhe fosse devolvida para que pudesse revê-la. Ao recebê-la, porém, constatou que o medicamento já fora aviado; com resignação estóica e com o otimismo nascido da experiência, dirigiu-se à farmácia, onde o farmacêutico o tranquilizou, explicando que, naturalmente (ou, quem sabe, também por engano?), preparara o medicamento numa dose menor. (FREUD, VI, p. 83).

Terceiro caso:

O médico queria receitar uma mistura de Tinct. belladonnae e Tinct. opii, em dose inofensiva, para sua tia idosa, irmã de sua mãe. A receita foi imediatamente levada à farmácia pela empregada. Pouquíssimo tempo depois, ocorreu ao médico que ele escrevera 'extrato' em vez de 'tintura', e logo em seguida o farmacêutico telefonou para interpellá-lo sobre esse erro. O médico desculpou-se com o falso pretexto de que não havia terminado a receita, que fora retirada às pressas de sua mesa, inesperadamente e, portanto, a culpa não era dele. (FREUD, VI, p. 83).

Nestes três casos há erros de escrita e têm em comum alguns pontos, que para este trabalho, se destaca uma paciente feminina muito idosa com prescrições em doses mais elevadas. Seguindo uma breve análise, surgem evidências de que a relação do médico com sua mãe provavelmente teve importância decisiva. Parece que de fato o médico prescrevera a mesma receita para sua mãe, que também era idosa, levando-a a uma reação ao medicamento que foi uma congestão cefálica e uma secura desagradável na garganta. (FREUD, 1996 [1901b], p. 83).

Ela se queixou do tom meio jocoso que sua mãe comentou, falando dos riscos de ser consultada pelo filho médico, falando inclusive em envenenamento.

Através da análise pode-se entender que as relações desse filho com sua mãe, são ambivalentes e que não há dúvida de que ele é um filho amoroso, mas sua avaliação intelectual e seu respeito pessoal por ela não são dos melhores. Além disso, sente tolhido

da sua liberdade erótica, visto que mora na mesma casa com um irmão um ano mais moço e com a mãe, buscando argumentos como desculpa para um comprometimento, incestuoso, interno. (FREUD, 1996 [1901b], p. 84).

O exemplo também nos apresenta o caso não muito comum em que o esquecimento se põe a serviço de nosso bom senso, quando este ameaça sucumbir a um desejo momentâneo. Por conseguinte, o ato falho adquire uma função útil. Uma vez recobrada nossa sobriedade, damos valor à correção dessa corrente interna, que antes só se pudera exprimir através de uma falha - um esquecimento, uma impotência psíquica. (FREUD, 1996 [1901b], p. 17).

Assim como os atos falhos podem ser úteis de alguma forma para corrigir o trajeto dos pensamentos, os pensamentos obsessivos e os comportamentos compulsivos subseqüentes também apresentam algum fim, mesmo que mais regressivos que os atos falhos, as obsessões seriam como uma tentativa onipotente de aprisionar algo que foi recalçado no inconsciente e gostaria de sair.

Nos dias atuais cada vez mais depara-se com os idosos que necessitam de cuidado. Em relação a este tema, Freud utiliza um exemplo que é bem atual de um paciente obsessivo com ideias compulsivas:

Sua dama estava ausente, enquanto ele trabalhava arduamente para um exame, de modo a conseguir mais cedo a possibilidade de estabelecer uma união com ela. Enquanto trabalhava foi acometido por um anseio pela dama ausente, e pensou na razão da ausência dela. Agora acabava de ser acometido por algo que seria provavelmente uma espécie de sentimento de aversão contra a avó de sua dama, caso ele tivesse sido um homem normal: 'Por que a velha deveria ficar doente, justamente agora que anseio por ela, com tanto temor?' Temos de supor que algo semelhante, contudo bem intenso, atravessou a mente de nosso paciente - um acometimento inconsciente de raiva que se coadunaria com seu anseio e poderia encontrar expressão na seguinte exclamação: 'Como eu gostaria de sair e matar aquela velha mulher por haver-me roubado o meu amor!' Ao que se seguiu a ordem de 'Mate-se a si próprio, como punição dessas suas paixões selvagens e assassinas!'. (FREUD, X, p. 110).

Na análise dos casos de obsessões importante relatar a correlação que o autor faz dos velhos com a necessidade de morte. O pensamento onipotente, quando relacionado aos mais velhos:

Uma vez perdeu várias semanas devido à ausência da dama, que se afastara em virtude da doença de sua avó, uma mulher muito idosa. Ele se ofereceu para visitá-la, mas ela recusou. Precisamente ao se achar atento em seu estudo, aconteceu pensar o seguinte: 'Você devia providenciar para obedecer à ordem de fazer suas provas no primeiro momento, em outubro. Mas se você recebesse uma ordem para cortar a sua garganta, como é que seria?' Imediatamente cientificou-se de que essa ordem já tinha sido dada, e já corria até o aparador para apanhar a sua lâmina, quando pensou: 'Não, não é tão simples assim. Você tem de sair e matar a velha.' Logo após, caiu no chão, invadido de horror. - Quem foi que lhe deu essa ordem? (FREUD, X, p. 147).

Nestas passagens fica evidente os pensamentos medrosos que temos em relação à velhice e à morte. Poderíamos encará-los com mais naturalidade, já que não queremos morrer e fugimos dela desde que nascemos. Creio que algumas pessoas o fazem, porém outras, mais rígidas talvez, não toleram ter pensamentos "feios" e os deslocam para outros pensamentos, que de forma obsessiva tentam abrandá-los.

Disseram-lhe que o quarto já estava reservado e foi ocupado por um velho professor. Essa notícia diminuiu consideravelmente as suas expectativas de um tratamento bem-sucedido, e ele reagiu com o seguinte mau pensamento: 'Desejo que ele caia morto por isso!' Duas semanas depois foi despertado de seu sonho pela perturbadora ideia de um cadáver; e, de manhã, ouviu que o professor havia realmente sofrido um ataque e que fora levado para seu quarto quase no mesmo instante em que ele despertara. (FREUD, X, p.133-134).

Em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)* (1911) Freud desde muito cedo, nos seus estudos sobre psicopatologia (1895), falara sobre os problemas relacionados à paranóia. Visava estabelecer dois pontos principais: que a paranóia é uma neurose de *defesa* e que seu mecanismo principal é a *projeção*. (FREUD, 1996 [1913], p. 3).

Quase um ano depois, dentro de um breve relato geral sobre as neuroses de defesa, publica um artigo mais extenso intitulado *Análise de um Caso de Paranóia Crônica*, caso que preferiu o diagnóstico de “dementia paranoides”, evoluindo este conceito chegando à sugestão de que a paranóia acarreta o retorno a um auto-erotismo primitivo. (FREUD, 1996 [1913], p. 3).

Mais dez anos após os primeiros escritos sobre paranóia, Freud apresenta um caso de paranóia feminina perante a Sociedade Psicanalítica de Viena, porém ainda não havia chegado ao cerne da questão, a vinculação existente entre paranóia e homossexualismo passivo reprimido. (FREUD, XII, p. 4).

Além dos estudos sobre a paranóia traz também casos e recortes de casos para ilustrar as técnicas psicanalíticas, estes se constituem em rico material sobre concepções da maturidade.

Já na anedota de Poggio que é considerada como a fonte de uma história de Rabelais, que é mais clara, pois descreve realmente o marido, já velho, que traz para casa uma esposa bem mais jovem, que lhe dá muitos motivos para ciúmes.

Segue o relato:

Hans Carvel era um alegre filósofo, instruído homem de honra, experimentado e diligente. Um homem de boa compreensão e julgamento, bondoso e caridoso com os pobres. Além de ser um bom companheiro, gostava de fazer rir, um tipo corpulento e instável, mas bem-dotado sob todos os aspectos. Casou-se com a filha de Concordat, o meirinho, na velhice; uma mulher jovem, com todos os dotes desta idade: bonita, boa, alegre, vivaz e agradável, porém um pouco amistosa demais com os vizinhos e criados do sexo masculino, talvez. Ocorreu que, ao fim de algumas semanas de casamento, ele foi tomado por muitos ciúmes, pois desconfiara que ela estivesse saindo com outros homens e para se resguardar, começou a lhe relatar várias histórias de castigos em casos de adultério. O ciúme e o medo eram tamanhos que necessitava ler para ela lendas de mulheres virtuosas, pregava-lhe o evangelho da castidade, dentre outras táticas para que ela mantivesse a fidelidade, como: escrever um volume de canções em louvor da fidelidade, criticar duramente a licenciosidade das esposas indisciplinadas e ofertar-lhe um belíssimo colar, cravejado de safiras orientais. (FREUD, XII, p. 126).

A desconfiança excessiva, paranóia, na forma de um delírio bem sistematizado, daqueles que nos colocaria facilmente na dúvida entre o real e o imaginário pode ser encarado como uma defesa, assim como ocorre nas neuroses obsessivas e nas histerias (CALAZANS; REIS, 2014, p. 80 – 95).

Ao falar sobre os tipos de desencadeamento da neurose, Freud tentou descrever com base nas suas observações empíricas, como as mudanças e exigências da realidade podem causar a irrupção de uma doença neurótica em uma pessoa com disposição a essa. Tratou de levantar fatores precipitantes das enfermidades, remontou fatores operantes no desenvolvimento da libido e nas experiências da primeira infância para demonstrar que a disposição neurótica reside na história do desenvolvimento da libido. (FREUD, 1996 [1913], p. 140 - 142).

Fica evidente que a produção do sintoma, como por exemplo o ciúme, se desenvolve através da formação de um compromisso entre a autocensura e a lembrança de uma experiência primária prazerosa. Essa formação de compromisso se dá após um período bem-sucedido de defesa, em que o conteúdo ficou represado no inconsciente e ganhou força, promovendo o retorno do recalado em outro estágio (CALAZANS; REIS, 2014, p. 80 – 95).

Segundo Freud (1913, XII, p. 144), ao longo do desenvolvimento observa-se a existência de vários fatores que podem desencadear neuroses. Um deles seria a frustração, que ocorre quando um indivíduo permanece sadio enquanto sua necessidade de amor for satisfeita por um objeto real no mundo externo e a partir do momento em que esse objeto é afastado dele, sem que um substituto ocupe seu lugar torna-se neurótico. (FREUD, 1996 [1913], p. 142).

Se estivéssemos apenas para viver o prazer e em busca do prazer, talvez, morreríamos precocemente ou nos mataríamos. O equilíbrio entre o princípio do prazer e o da realidade é necessário, encarar a seriedade da vida adulta como a seriedade que brincávamos quando criança seria uma boa forma de tolerar frustrações e resistir às

renúncias da vida.

O indivíduo adoece a partir de uma experiência em que fica doente pela sua incapacidade de resistência quando se defronta com a tarefa de renunciar à satisfação. (FREUD, 1996 [1913], p. 142 - 144).

Esta flexibilização é fundamental para a manutenção e promoção da nossa saúde mental. Quanto mais rígido é o indivíduo, maior é a chance de desenvolver doenças mentais.

Um outro fator, diferentemente do primeiro que diz respeito a um fator externo, seria a necessidade interna de cada indivíduo de se adaptar às exigências da realidade, a partir de um processo de desenvolvimento, quando o indivíduo sucumbe por sua inflexibilidade em realizar a troca de um tipo de satisfação por outro. (FREUD, 1996 [1913], p. 141 - 142).

Na velhice seria de suma importância a flexibilização dos conceitos e a adaptação às novas funções e estilo de vida.

O próximo fator que descreve é quando a doença emerge a partir de uma inibição no desenvolvimento, seria uma potencialização do fator anterior, ou seja, cair doente devido às exigências da realidade, existindo uma necessidade de distingui-los de ordem prática e não de natureza teórica.

Neste caso as pessoas que caem enfermas são aquelas que logo passaram da idade irresponsável da infância e não obtiveram uma capacidade de realização e fruição, o que Freud chamou de saúde.

Segundo ele, o fato de ficar mais velho impõe mais exigências da realidade, assim como vão se alterando ao longo do amadurecimento, portanto pessoas que não superaram suas fixações libidinais infantis ficariam num infantilismo estacionário e o processo

nunca se daria a nível neurótico. (FREUD, 1996 [1913], p. 144 - 145).

Em relação ao debate sobre *Contribuições a um debate sobre a masturbação* (1912), Freud fala um pouco sobre seu próprio conservadorismo, dando a impressão de aceitação, quando relata que não pode fugir a ele, mas também não precisar aproximar-se.

Se no final eu for condenado por estar errado sobre o problema teórico das 'neuroses atuais', poderei consolar-me com o progresso em nosso conhecimento, que deve desprezar as opiniões de um indivíduo. Podem perguntar então por que, visto que faço uma estimativa tão louvável das limitações de minha própria infalibilidade, não cedo imediatamente a estas novas sugestões, mas prefiro representar de novo a familiar comédia de um velho a aferrar-se obstinadamente às suas opiniões. Minha resposta é que ainda não vejo nenhuma prova que me induza a ceder. Anteriormente, efetuei várias alterações em meus pontos de vista e não as ocultei do público. Fui censurado por causa dessas mudanças, tal como hoje sou censurado por causa de meu conservadorismo. Não que fique intimado por uma censura ou pela outra, mas sei que tenho um destino a cumprir. Não posso fugir a ele e não preciso movimentar-me em sua direção. Esperá-lo-ei e, entretanto, conduzir-me-ei em relação a nossa ciência tal como a experiência anterior me ensinou. (FREUD, XII, p. 152).

Em sua conferência *A Ansiedade*, relata sobre ansiedade na idade madura. Explica que as duas formas de ansiedade: a ansiedade expectante livremente flutuante e a outra, que é o tipo que estaria relacionada às fobias, como sendo independentes uma da outra. Não se podendo dizer que uma seria o estágio mais avançado da outra; mas podendo aparecerem simultaneamente em casos excepcionais. Relata ainda que algumas fobias, como por exemplo, a agorafobia e fobia a trens, seriam adquiridas em idade bastante madura, enquanto que outras, como por exemplo: medo de escuridão, medo de trovoadas e medo de animais, estariam mais relacionadas ao início da vida. (FREUD, 1996 [1917], p. 105).

Novamente se encontra a correlação dos temas relacionados à potência sexual, masturbação, medo da morte e do envelhecimento e o desenvolvimento dos transtornos fóbicos e ansiosos na velhice.

2.8 *Desenvolvimento humano*

O primeiro conflito no jogo do amadurecimento se dá quando as concepções instintivas das crianças não são consideradas pelos adultos, devidos suas concepções definidas pela autoridade dos mais velhos que entra em conflito com as das crianças que consideram estas como ultrapassadas, levando ao descrédito e iniciando uma investigação em segredos dos adultos, como que para comprovar que estes lhes escondem algo.

Este conflito psíquico leva a uma dissociação, em que várias concepções boas passam a ficar sem reflexão e tornam-se as concepções dominantes e conscientes, enquanto que as opiniões fruto da investigação infantil, tornar-se-ão um conjunto de opiniões reprimidas e inconscientes, formando o complexo nuclear das neuroses. (FREUD, 1996 [1908] p. 115).

Quanto ao resto, mesmo as crianças não mentem sem um motivo, e no todo são mais inclinadas para um amor da verdade do que os mais velhos. Se fôssemos rejeitar a raiz e os ramos das declarações do pequeno Hans certamente deveríamos estar-lhe fazendo uma grave injustiça. (FREUD, 1996 [1909], p. 64).

2.8.1 Totem e Tabu e outros trabalhos (1913 – 1914)

Nesta obra Freud mostra seu interesse pela antropologia social, referências pelo estudo da arqueologia e da pré-história, pelos temas antropológicos à luz da psicanálise, como por exemplo quando lança mão dos estudos sobre o horror ao incesto e aponta a correlação entre o desenvolvimento da civilização e a repressão dos instintos. (FREUD, 1996 [1914], p. 3).

Aborda ainda as questões relacionadas à moralidade e à religião. Busca ainda compreender as questões relacionadas ao totemismo, tanto em relação à infância quanto

em relação à família.

Porém os principais indícios da sua contribuição à antropologia social surgem nesta obra, mais especificamente no quarto ensaio, que apresenta teoria da horda primeva e da morte do pai primevo, elaborando sua teoria sobre a origem de quase a totalidade das instituições sociais e culturais posteriores, obra esta, uma das mais estimadas pelo autor, fazendo referências e retornando a ela constantemente, como sendo a mais bem escrita. (FREUD, 1996 [1914], p. 3).

Em relação ao tema incesto, busca elementos na mitologia para construir a reflexão sobre o complexo de Édipo e elementos nas tribos aborígenes australianas que pregavam a exogamia e proibiam o incesto como uma forma intuitiva de preservação da espécie.

Nesta obra, em *O Horror ao Incesto*, Freud explicita a perpetuação da mãe nos filhos e a permanência da juventude. Para aguentar a resignação do casamento, este não deve ser estéril, pois se não, a mulher perde uma das coisas que mais lhe ajudariam a suportar esta resignação.

A monotonia da vida emocional de uma mulher pode fazer chegar ao fim sua relação matrimonial prematuramente, desde que suas necessidades psicosexuais ficassem restritas à satisfação no casamento e na vida de família. (FREUD, 1996 [1914], p. 3 - 15).

Porém o amadurecimento mostra que:

Uma mãe, à medida que envelhece, se salva disso colocando-se a si própria no lugar dos filhos, identificando-se com eles; e isso ela o faz tornando suas as experiências emocionais deles. Diz-se que os pais mantêm-se jovens através dos filhos e esse é, na verdade, um dos proveitos psicológicos mais preciosos que os pais tiram dos filhos. (FREUD, XIII, p. 1).

Em a origem da exogamia e sua relação com o totemismo, Freud explica que os velhos deixaram para as gerações mais novas alguns tabus, como a exogamia. Segundo Darwin, a exogamia seria a horda primeva para jovens do sexo masculino, em que cada um deles depois de expulso, e por ciúmes do líder, estabeleceria uma horda semelhante, na qual a premissa seria a mesma proibição sobre as relações sexuais. (FREUD, 1996 [1914], p. 91).

Com o decorrer do tempo isto produziria uma lei consciente, onde nenhuma relação sexual poderia acontecer entre os que partilham de um lar em comum. *Após o estabelecimento do totemismo, a regra assumiria outra forma e diria: Nenhuma relação sexual dentro do totem.* (FREUD, 1996 [1914], p. 91).

Em algumas reflexões sobre a psicologia escolar, Freud falando de si mesmo, revela:

Temos uma sensação esquisita, quando, já na idade madura, mais uma vez recebemos ordem de fazer uma redação escolar. Mas obedecemos automaticamente, como o velho soldado que, à voz de ‘Sentido!’, deixa cair o que tiver nas mãos e se surpreende com os dedos mínimos apertados de encontro às costuras das calças. É estranho como obedecemos às ordens prontamente, como se nada de particular houvesse acontecido no último meio-século. Mas, na realidade, ficamos velhos nesse intervalo, estamos às vésperas de nosso sexagésimo aniversário e as nossas sensações físicas, bem como o espelho, mostram inequivocamente quanto a vela de nossa vida já se queimou. Talvez há dez anos atrás, pudéssemos ter tido ainda momentos em que, de repente, nos sentíamos novamente jovens. Caminhando pelas ruas de Viena - já de barbas grisalhas e vergados por todas as preocupações da vida familiar - podíamos encontrar inesperadamente algum cavalheiro idoso e bem conservado, ao qual saudávamos quase humildemente, porque o reconhecíamos como um de nossos antigos professores. Mas depois parávamos e refletíamos: ‘Seria realmente ele? Ou apenas alguém muito semelhante? Como parece jovem! E como estamos velhos! Que idade poderá ter hoje? Será possível que os homens que costumavam representar para nós protótipos de adultos, sejam realmente tão pouco mais velhos que nós?’ (FREUD, XIII, p.91).

Referindo-se à possibilidade da velhice, falando de si e do desenvolvimento (envelhecimento) humano, e suas recordações do tempo passado, relata que costumava

achar que o presente parecia mergulhar na obscuridade, como que vislumbrar uma civilização extinta apesar dos incentivadores sucessos, parecendo relembrar que a permanente sensação de tarefa futura, para a busca da imortalidade, na perpetuação das contribuições com algo para o conhecimento humano. (FREUD, 1996 [1914], p. 161).

Recorda que de todas as imagens da infância, nada é mais importante que a imagem do pai, seja para um jovem ou um adulto. O mito grego do rei Édipo traduz a necessidade orgânica da ambivalência emocional que existe na relação de um homem com seu pai.

Em um primeiro momento Deus seria apenas a exaltação da imagem do pai, que lhe parece ser a mais poderosa, bondosa e sábia criatura do mundo. Este filho estaria inclinado a amar e a admirar o pai como esta figura toda poderosa, como é representado na mente durante a mais tenra infância. (FREUD, 1996 [1914], p. 162).

Porém, em um momento posterior, surge o outro lado da relação emocional, em que esse pai seria o próprio perturbador máximo da nossa vida instintiva, e eis que vem a ambivalência com máximo poder, fazendo com que o pai seja um modelo não apenas a ser imitado, mas também a ser eliminado para que se possa tomar seu lugar.

A partir daí os impulsos afetuosos e hostis convivem lado a lado em relação ao pai, muitas vezes, até o fim da vida, sem que nenhum deles seja capaz de anular o outro, o que se chama de ambivalência emocional. (FREUD, 1996 [1914], p. 161 - 163).

Na segunda metade da infância, dá-se uma mudança na relação do menino com o pai - mudança cuja importância não pode ser exagerada. De seu quarto de criança, o menino começa a vislumbrar o mundo exterior e não pode deixar de fazer descobertas que solapam a alta opinião original que tinha sobre o pai e que apressam o desligamento de seu primeiro ideal.

Descobre que o pai não é o mais poderoso, sábio e rico dos seres; fica insatisfeito

com ele, aprende a criticá-lo, a avaliar o seu lugar na sociedade; e então, em regra, faz com que ele pague pesadamente pelo desapontamento que lhe causou. O desligamento do pai passa a ter um papel central na ambivalência desta relação, com tudo que há de admirável, e de indesejável pela nova geração. (FREUD, 1996 [1914], p. 163).

É nessa fase do desenvolvimento que se entra em contato com os professores, estes homens tornaram-se nossos pais substitutos, por isso o impressionismo de admirá-los como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. O respeito e as expectativas ligadas ao pai idealizado da infância são transferidos aos mestres, mais velhos, depois se começa a tratá-los como pais. Em uma comemoração do jubileu da escola, é aos professores que nossos pensamentos devem ser dirigidos. (FREUD, 1996 [1914], p. 163).

E estas identificações continuam para além dos professores, como também para figuras de autoridade:

Ela tem cabelos brancos como minha mãe. Essa chefe idosa tinha grande apreço por ela e a tratava com afeição, embora algumas vezes implicasse com ela: a moça se considerava como de sua predileção especial. (FREUD, XIV, p. 156).

Ainda sobre a relação com os mais velhos, Freud retrata em *Moisés, o seu povo e a religião monoteísta*, um aspecto já mencionado, a horda primeva. Relata que a sorte dos filhos era dura, pois se o pai ficara com ciúme, eram mortos, castrados ou expulsos. Suas escapatórias seriam reunirem-se em pequenas comunidades, casarem através do rapto para elevarem-se a uma posição semelhante à do pai, na horda primeva.

Por razões naturais, já mencionadas, os filhos mais novos ocupavam lugar privilegiado. Eram os mais prováveis a suceder o pai, seja pela crescente idade do pai ou seja pela proteção especial do amor materno, ou por ambos. Pode-se observar tal fato em lendas e contos de fadas, tanto ecos da expulsão dos filhos mais velhos quanto do favorecimento dos mais novos. (FREUD, 1996 [1936] p. 51).

Na terceira parte das *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-1917) retoma a relação entre os irmãos, principalmente exaltando o papel do irmão mais velho.

Uma menina pode encontrar em seu irmão, mais velho, um substituto para seu pai, que não mantém mais um interesse afetivo por ela como o fazia em anos anteriores. Ou pode tomar uma irmã mais nova como substituta da criança que ela, em vão, desejou ter de seu pai. (FREUD, XVI, p. 62).

Ainda envolvido nesta teia da relação entre os irmãos, demonstra interesse especial pelas fantasias de sedução, ou ainda pelas recordações reais. Relata que a sedução por uma criança mais velha ou por alguém da mesma idade é ainda mais frequente do que por um adulto, e que no caso de meninas, a figura do pai surge com muita regularidade como o sedutor.

Geralmente, a fantasia de sedução que é revelada sem ocorrer nenhuma sedução, está relacionada com a necessidade de encobrir o período auto-erótico de sua atividade sexual. (FREUD, 1996 [1917], p. 86).

Além das questões relacionadas à sedução, Freud relatou um caso de um paciente que encontrou na irmã, um competidor inconveniente, tanto por sua impiedosa ostentação de superioridade, quanto pelo respeito que o pai demonstrava pela capacidade mental e realizações intelectuais da irmã, fazendo com que ele se sentisse oprimido intelectualmente, como estava desde a sua neurose obsessiva, levando-o a se contentar com uma baixa autoestima. (FREUD, 1996 [1919], p. 14).

Uma outra passagem interessante que ilustra esta relação é a que se deu com o menino Goethe quando viu o irmão mais jovem morrer.

[...] Também Goethe, quando menino, viu um irmão mais jovem morrer, sem lastimar-se. Pelo menos, de acordo com Bettina Brentano, a mãe dele relatou o seguinte: “Espantou-a, como fato muito extraordinário, que ele não tenha derramado lágrimas quando da morte do irmão mais novo, Jakob, que era seu

companheiro de folgedos; pelo contrário, pareceu sentir-se aborrecido com a dor dos pais e das irmãs. Quando, mais tarde, sua mãe perguntou ao jovem rebelde se ele não havia gostado do irmão, correu para o quarto e retirou debaixo da cama uma pilha de papéis, sobre os quais estavam escritas lições e pequenas histórias, dizendo que fizera tudo aquilo para ensinar o irmão.” Assim, parece que o irmão mais velho gostava de fingir-se de pai para o irmão mais novo e mostrar-lhe sua superioridade. (FREUD, XVII, p. 94).

No volume XX de sua obra: *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos* (1925 – 1926); observa-se claramente que há uma revisão de sua obra em alguns aspectos e que isto revelará como um confronto entre as duas obras, sua disposição de ânimo que então era bem diferente (FREUD, 1996 [1926] p. 3). Sobre sua chegada nos EUA, relata: Naquela época eu contava apenas cinquenta e três anos de idade. Sentia-me jovem e saudável, e minha curta visita ao novo mundo encorajava meu auto-respeito em todos os sentidos. (FREUD, XX, p. 32).

Nesta revisão de sua obra, apresentando idade na década dos cinquenta anos, com energia e entusiasmo renovado, frente a um novo público, volta a valorizar a experiência e discorre o seguinte em relação à prática analítica:

Talvez, no entanto, o senhor escolha não sobrecarregar os estudos médicos com o preparo para a prática analítica, mas julgue mais conveniente que os futuros analistas sigam sua formação necessária somente após a conclusão dos seus estudos médicos. Talvez diga que a perda de tempo que isso implica não seja de importância prática alguma, visto que, afinal de contas, um jovem com menos de trinta anos de idade jamais gozará da confiança dos seus pacientes, a qual é um sine qua non para proporcionar assistência mental. Sem dúvida talvez se dissesse como resposta que um médico recém-saído da faculdade e que se dedique a doenças físicas não pode esperar ser tratado pelos seus pacientes também com grande respeito e que um jovem analista poderia muito bem preencher seu tempo trabalhando numa clínica psicanalítica para pacientes externos sob a supervisão de profissionais experimentados. (FREUD, XX, p. 154).

Na sua relação com Breuer, fica evidente a valorização de um de seus mestres de maior influência, mesmo mais velho 14 anos que ele:

A maneira pela qual cheguei a esse outro processo ocorreu como se segue. Enquanto ainda trabalhava no laboratório de Brücke, eu travara conhecimento com o Dr. Josef Breuer que era um dos médicos de família mais respeitados de Viena, mas que também possuía um passado científico, visto que produzira vários trabalhos de valor permanente sobre a fisiologia da respiração e sobre o órgão do equilíbrio. Era um homem de notável inteligência e quatorze anos mais velho que eu. Nossas relações logo se tornaram mais estreitas e ele se tornou meu amigo, ajudando-me em minhas difíceis circunstâncias. Adquirimos o hábito de partilhar todos os nossos interesses científicos. Nessa relação só eu naturalmente tive a ganhar. O desenvolvimento da psicanálise, depois, veio a custar-me sua amizade. Não me foi fácil pagar tal preço, mas não pude fugir a isso. (FREUD, XX, p.11).

A importância e valorização dos mais velhos nos processos de formação é algo incontestável, na formação psicanalítica não seria diferente e Freud agora reconhece a importância dos mais velhos:

Nesses institutos os próprios candidatos são submetidos à análise, recebem instrução teórica mediante conferências sobre todos os assuntos que são importantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e mais experimentados quando lhes é permitido fazer suas primeiras experiências com casos relativamente brandos. Calcula-se um período de cerca de dois anos para essa formação. Mesmo após esse período, naturalmente, o candidato é apenas um principiante e não ainda um mestre. O que ainda se necessita deve ser adquirido pela prática e por uma troca de ideias nas sociedades psicanalíticas nas quais membros jovens e velhos se reúnem. (FREUD, XX, p. 142).

Em carta a Thomas Mann, no seu sexagésimo aniversário (1935) fala um pouco sobre sua condição de idoso:

eu sou um dos seus mais velhos leitores e admiradores e poderia desejar-lhe uma vida muito longa e feliz, conforme é costume em tais ocasiões. Mas não farei isso. Felicitar é barato, parece-me uma recaída nos velhos tempos em que as pessoas acreditavam na onipotência mágica dos pensamentos. Penso, ademais, baseado na minha experiência muito pessoal, que está tudo bem se um destino compassivo põe oportuno fim à duração de nossa vida. (FREUD, XXII, p. 163 - 164).

No volume XXIII da sua obra, na conferência Esboço de Psicanálise (1938 -

1940), apresenta uma nota do editor inglês que diz:

a atual é uma versão consideravelmente revista da tradução publicada em 1949. Uma nova luz é lançada sobre todos os pontos que ele aborda - as teorias mais fundamentais ou as observações clínicas mais pormenorizadas - e tudo é debatido no vocabulário de sua mais recente terminologia. Tudo isto demonstra que, aos 82 anos de idade, Freud ainda possuía um dom espantoso de efetuar uma abordagem nova ao que poderia parecer tópicos muito batidos. Em parte alguma, talvez, atinge o seu estilo o nível mais alto de concisão e lucidez. Todo o trabalho nos dá uma sensação de liberdade em sua apresentação, o que é talvez de se esperar na última descrição, por parte de um mestre, das ideias de que foi o criador. (FREUD, XXIII, p. 90).

Em *Moisés, o seu povo e a religião monoteísta*, na parte I, em sua nota preambular I, em Viena, antes de março de 1938, fala sobre a espontaneidade da velhice, se referindo à atenção suspeitosa do catolicismo:

com a audácia daquele que tem pouco ou nada a perder, proponho-me pela segunda vez romper uma intenção bem fundada e acrescentar a meus dois ensaios sobre Moisés aparecidos em Imago a parte final que retive. Terminei o último ensaio com a asserção de que sabia que minhas forças não seriam suficientes para isso. Quis significar, naturalmente, o debilitamento dos poderes criativos que acompanham a velhice, mas pensava também em outro obstáculo. (FREUD, XXIII, p. 33).

No seu volume XXII, intitulado *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise e Outros Trabalhos* (1932-1936), Freud assinala, no prefácio que ele mesmo escreveu:

minha idade, nesse ínterim, havia-me liberado da obrigação de expressar minha condição de membro da Universidade (que, de qualquer modo, era uma condição periférica) fazendo conferências e uma operação cirúrgica havia-me impossibilitado de falar em público. Se, portanto, mais uma vez tomo o meu lugar na sala de conferências, durante os comentários que se seguem, é somente por um artifício de imaginação; isto pode ajudar-me a não me esquecer de levar em conta o leitor, à medida que me aprofundar mais em meu tema. (FREUD, XXII, p. 4).

Lendo a forma como Freud se coloca nos seus últimos livros, alivia-me. O sentimento que me invadia ao ler seus primeiros livros eram: solidão e melancolia. Esperava que a rigidez da velhice o pegasse, mas para minha grata surpresa ele mais uma vez conseguiu se superar ao demonstrar espontaneidade e leveza na comunicação com seus leitores, porém, sem perder a onipotência de um bom velhinho em busca da imortalidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura completa de Freud, foram criadas categorias para a melhor análise da relação entre sua obra e o tema envelhecimento, sendo elas: Início da Obra de Freud e seu Contexto Histórico; Morte e Finitude; A Sociedade, as Relações Fraternais e a Compulsão à Repetição; Estudos sobre Histeria; Tratamento Psicanalítico; Sobre os Sonhos, Mitos e Contos de Fadas; Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana; e Desenvolvimento Humano.

Com isto, foi possível perceber que Freud sofreu grande influência do contexto em que se encontrava, levando-se em consideração a época em que viveu, a cultura da sociedade em questão, a economia e as próprias crenças e costumes desta sociedade. O que determinou, de forma bastante significativa, o seu pensamento a respeito da rigidez e da degradação do homem em processo de envelhecimento. Por outro lado, o determinismo científico possibilitou, apesar de seu isolamento, e por influência do iluminismo, a neutralidade científica suficiente para a produção de sua obra.

Verificou-se também que ao falar sobre a morte, Freud destaca o medo do ser humano em relação à morte e à sua finitude. Tal medo acaba por determinar o afastamento e a oposição à tudo aquilo que é velho, criando, dessa forma, a falsa impressão de que assim é possível distanciar-se da morte.

Ao analisar a importância da influência que a família e a sociedade exercem sobre o pensamento humano e a constituição do sujeito, percebe-se que Freud assinala que a compreensão psicológica do social e do familiar se faz imprescindível para a construção do processo de envelhecimento.

Pode-se visualizar também nos escritos de Freud que, com o envelhecimento e a aproximação da morte, existe uma tendência à fragilidade do sujeito, com maior

possibilidade de eclodirem episódios histéricos e obsessivos, talvez por uma repetição da ansiedade e insegurança vivenciadas na infância.

Freud aponta que o funcionamento do idoso, muitas vezes rígido, obsessivo e ansioso, se apresenta como um mecanismo de defesa para vivenciar fatos da vida, perdas ou proximidade da morte.

A importância de compreender que muitas vezes o desenvolvimento dos transtornos fóbicos ansiosos na velhice estão relacionados com a perda da potência sexual e com o medo da morte, e que para se manterem vivos e com saúde necessitam se enrigecer como numa tentativa de retornar ao tempo em que se era jovem.

Quanto ao desenvolvimento humano, podemos perceber que Freud valoriza de forma incisiva os eventos traumáticos vividos na infância, no que se refere ao desenvolvimento cerebral, demonstrando que estes podem levar ao surgimento de doenças na velhice. Aponta, com isso, para a importância em manter-se produtivo e ativo durante o processo de envelhecimento. Lembra que uma pessoa que tenha um adequado desenvolvimento emocional inicial, poderá tornar-se um idoso ativo, saudável do ponto de vista físico e psíquico.

Ao analisar a obra completa de Freud percebe-se, ao longo de seus estudos sobre a mente humana, uma gradativa mudança em suas concepções sobre a velhice, o envelhecer e o idoso. O envelhecer do próprio Freud, proporcionou a seus estudos um amadurecimento decisivo ao processo de análise do comportamento humano.

Trouxe contribuições sobre o desenvolvimento humano e suas relações familiares, tão importantes para um envelhecimento saudável, elucidou a compulsão à repetição que às vezes pode ser tão maléfica ao envelhecimento.

Fala sobre o processo de amadurecimento em que as crianças passam a desacreditar nos adultos, porém reprimem no inconsciente suas crenças pela ideologia

pesada dos mais velhos, apesar de terem mais amor à verdade que estes. O idoso nunca deveria deixar de brincar.

Uma das formas de defesa é a negação do processo de envelhecimento, a ilusão de eternidade alimenta a convicção narcísica de um Eu imortal. Esta estratégia defensiva consiste em um modo de proteção inconsciente do Eu, que tenta não entrar em contato com a realidade da morte, transformando a finitude em algo distante e que atinge apenas aos outros. Assim, distanciar-se da ideia da morte se constitui em uma proteção contra uma ameaça narcísica.

Compreender todos esses fatores psicanalíticos, ajudaria em muito, tanto as pessoas em processo de envelhecimento adiantado, quanto os profissionais que trabalham com este público, podendo implementar políticas de saúde voltadas para as necessidades reais do idoso.

O objetivo deste trabalho foi alcançado, a medida que a completa análise da obra de Freud foi realizada, e a partir dessa revisão poderão ser criadas estratégias de atenção ao idoso, baseadas na compreensão da teoria freudiana sobre o envelhecimento humano, sendo este o principal ponto inovador.

As principais dificuldades encontradas nessa revisão, dizem respeito à forma fragmentada que os assuntos são dispostos na obra de Freud, assim como a própria evolução de conceitos da teoria psicanalítica.

Levando em consideração os achados deste trabalho, em se tratando da revisão da obra precursora da psicanálise, seria importante dar continuidade ao estudo, analisando-se também os autores pós freudianos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A.; ALMEIDA BRITO, F. Planning and evaluating health programs: contributions of the RE-AIM framework to Nursing. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 22(4), 527–528. 2014. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/0104-1169.0000.2447>

ALMEIDA, F. A.; BRITO, F. A.; ESTABROOKS, P. A. Modelo RE-AIM: Tradução e Adaptação cultural para o Brasil. *Família, Ciclos de Vida E Saúde No Contexto Social*, 1(1), 6–16. (2013).

ALTMAN, M. O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 44 (80), 193–206. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352011000100016&script=sci_arttext. Acesso em: 07 jan. 2017.

ANDRADE, F. B. et al. Promoção da saúde mental do idoso na atenção básica: as contribuições da terapia comunitária. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p.129-136, Mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072010000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jan. 2017.

BARROS, M. B. de A. et al. Tendências das desigualdades sociais e demográficas na prevalência de doenças crônicas no Brasil, PNAD: 2003- 2008. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 9, p. 3755-3768, Sept. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011001000012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 jan. 2017.

BERNARDES, C. D. José Miguel Silva e a imortalidade de Ulisses. *Revista Crioula*, n. 5, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/54931/0>. Acesso em: 26 jan. 2017.

CALAZANS, R.; REIS, L. N. O conceito de paranoia em Freud. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 34, n. 1, p. 80-95, Mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17 jan. 2017.

FERREIRA, P. E. M.; MARTINI, R. K. Cocaína : lendas , história e abuso. *Rev Bras Psiquiatr*, 23(2), 96–9. 2001.

FORLENZA, O. V. *Psiquiatria Geriátrica: do Diagnóstico Precoce à Reabilitação*. Forlenza, Ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

FREITAS, C. M. S. M.; SANTIAGO, M. S.; VIANA, A.; LEÃO, A. C.; FREYRE, C. Aspectos motivacionais que influenciam a adesão e manutenção de idosos a programas de exercícios físicos. *Rev. bras. cineantropom. desempenho hum*, 9(1), 92–100. 2007. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=454229&indexSearch=ID>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

FREUD, S. (1886). Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. I ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. II ed. R: Imago, 1996.

FREUD, S. (1899). Primeiras Publicações Psicanalíticas. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. III ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 1899.

FREUD, S. (1901a). A interpretação dos sonhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. V ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1901b). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. VI ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. VII ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908). “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. IX ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1909). Duas histórias clínicas (O “Pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. X ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910 [1909]). Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund*

Freud. vol. XI ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1913). O caso Schereber , artigos sobre técnica e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XII ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). Totem e tabu e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XIII ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1916a). A história do movimento psicanalítico , artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XIV ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1916b). Conferências introdutórias sobre psicanálise (Partes I e II). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XV ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XVI ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1919). História de uma neurose infantil e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XVII ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1925a). Além do princípio do prazer , psicologia de grupo e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XVIII ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1926). Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XX ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1936). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XXII ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1939). Moisés e o monoteísmo , Esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XXIII ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. *Dependência Química: Prevenção, Tratamento e Políticas Públicas*. Porto Alegre: Artmed, 2011. 528p.

MERINGER, R.; MAYER, C. *Versprechen und Verlesen: Eine psychologisch-linguistische Studie*. Stuttgart: G. J. Göschen, 1895. [Nova edição por CUTLER, A; FAY, D. A. Amsterdam: J. Benjamins, 1978.]

MORAES, E. N. *Atenção à saúde do idoso: aspectos conceituais*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2012. 98 p. Disponível em: <<http://apsredes.org/pdf/Saude-do-Idoso-WEB1.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2016.

MUCIDA, Â. *Atendimento psicanalítico do Idoso*. 1ª Ed. São Paulo: Zagodoni, 2014.

NAKATANI, H. Global Strategies for the Prevention and Control of Infectious Diseases and Non-Communicable Diseases. *Journal of Epidemiology*. v. 26, n 4, p. 171 - 178, (2016).

TEIXEIRA, L. C. Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. *Psico-USF*, v. 7, n. 2, p. 195-200, 2002.

SUANNES, C. A. M.; BRACCO, M. K. Da horda à comunidade psicanalítica: a função da fratria na transmissão da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, v. 47, n. 87, p. 243-248, 2014.

SCHMIDT, I. A. R.; ALMEIDA, R. F.; SILVA, A. R. Fatores de risco e proteção para dependência química em idosos: Desafios para a psicologia da saúde. *O Portal Dos Psicólogos*, 1-13. (2012).

ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua Época e em Nosso Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar. 2016.

YASSUDA, M. S. et al. Treino de memória no idoso saudável: benefícios e mecanismos. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 19, n. 3, p. 470-481, 2006.



PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEF